

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Letras
Pós-Graduação em Literatura Brasileira

JENNY IGLESIAS POLYDORO FERNANDEZ

O FOLCLORE NA OBRA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Niterói
Abril/2004

JENNY IGLESIAS POLYDORO FERNANDEZ

O FOLCLORE NA OBRA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras da UFF, como requisito parcial para obtenção de Grau de Mestre. Área de concentração: Estudos de Literatura, subáreas: Literatura Brasileira e Teorias da Literatura.

Orientador: Professor Doutor José Luís Jobim

Niterói

Abril/2004

JENNY IGLESIAS POLYDORO FERNANDEZ

O FOLCLORE NA OBRA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras da UFF, como requisito parcial para obtenção de Grau de Mestre. Área de concentração: Estudos de Literatura, subáreas: Literatura Brasileira e Teorias da Literatura.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor José Luís Jobim - Orientador
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Maria de Lourdes Martins de Azevedo Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor Roberto Acízelo Quelha de Souza
Universidade Federal Fluminense

Niterói

Abril/2004

Ao meu companheiro de vida, Rafael, pelo incentivo e carinho.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio constante.

AGRADECIMENTOS

Finalizar este trabalho após dois anos de pesquisas é certamente uma vitória pessoal e representa a certeza de que cumpri uma importante etapa na minha formação acadêmica. Neste processo, muitas vezes solitário, recebi o apoio e o incentivo de pessoas muito especiais que doaram parte de seu tempo para me auxiliarem na elaboração desta Dissertação. Agradecer a todos é a tarefa mais simples e mais sincera que posso realizar.

No aperfeiçoamento do projeto, contei com as sugestões fundamentais dos professores da Universidade Federal Fluminense Roberto Acízelo Quelha de Souza e Marlene Mendes que, com a experiência acadêmica me auxiliaram na delimitação do *corpus* desta dissertação e me alertaram para o terreno movediço dos estudos acadêmicos.

Agradeço aos funcionários do Museu do Folclore Édison Carneiro, no Rio de Janeiro, onde tive acesso a vídeos importantes sobre a vida e a obra de Luís da Câmara Cascudo, bem como aos simpáticos cordéis em homenagem ao escritor. Sempre atenciosas, as bibliotecárias do Museu pareciam adivinhar minhas necessidades e sugeriram títulos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ainda no levantamento bibliográfico deste trabalho, recebi a ajuda preciosa dos bibliotecários da Universidade Federal Fluminense e da PUC-Rio.

Aos professores do curso de Pós-Graduação em Letras da UFF que em suas respectivas áreas de estudo ampliaram meus horizontes enquanto pesquisadora.

Agradeço especialmente ao professor Humberto H. de Araújo que se fez presente, embora virtualmente, no intercâmbio de idéias, no envio de livros e nas

sugestões bibliográficas. Também de forma especial, desejo agradecer à professora Margarida de Souza Neves que demonstrou sua generosidade ao disponibilizar, dentre outros materiais, a correspondência ainda inédita de Luís da Câmara Cascudo para Mário de Andrade, documento fundamental na construção desta dissertação.

Às amigas do curso de Mestrado que dividiram comigo momentos de angústia próprios deste trajeto. Maísa, Marília e Maria Inez, pelas discussões teóricas. Debora, amiga de sempre, pela revisão atenta.

Quero agradecer ao professor José Luís Jobim, meu orientador neste percurso acadêmico. Por acreditar na minha proposta de estudo, indicando-me um caminho crítico e independente e pela disposição de sempre me ouvir.

À minha família, pelo apoio de sempre. Em especial, Leonardo e Maria Teresa, meus pais que me propiciaram o gosto pelo estudo. Tia Celeste, por mostrar-me a beleza das letras. Luciana, Julio César e Patricia, irmãos orgulhosos da mana sempre envolvida em leituras infundáveis.

Registro ainda o meu agradecimento àquele que bem de perto acompanhou minhas aflições e sempre buscou me confortar, Rafael, meu esposo e amigo de todas as horas. Muito obrigada!

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. ANTIQUÁRIOS E FOLCLORISTAS: O INTERESSE PELA CULTURA POPULAR	18
1.1 <i>A Princesa do Sono-Sem-Fim</i>	28
1.2 A institucionalização do folclore no Brasil	34
1.3 Câmara Cascudo e a fundação da Sociedade Brasileira de Folclore	37
2. LUÍS DA CÂMARA CASCUDO - UM FOLCLORISTA NO MODERNISMO BRASILEIRO	43
2.1 Macambira e xique-xique	49
2.2 Luís da Câmara Cascudo - um mediador entre a cultura letrada e a não-letrada.....	55
2.3 A experiência provinciana	63
3. "LUÍS DO CORAÇÃO" E "MÁRIO QUERIDO": CORRESPONDENTES ILUSTRES	66
3.1 Afinidades intelectuais: Modernismo e folclore	70
3.2 Dois turistas e um desejo	77
3.3 Compadres entres críticas e desabafos	81
CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

Resumo

Este trabalho pretende assinalar o percurso intelectual do escritor Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) no campo do folclore nacional. A dissertação investiga o interesse pela cultura popular surgido, ainda, no século XVI e focaliza os primeiros estudos folclóricos desenvolvidos no Brasil, bem como o papel do autor no processo de institucionalização do folclore brasileiro. O trabalho examina a atuação de Câmara Cascudo como agente cultural na divulgação do movimento modernista na cidade de Natal e na região Nordeste. Analisa, também, a trajetória intelectual de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade através das cartas trocadas por estes dois escritores, entre os anos de 1924 e 1944, que objetivaram conhecer a realidade brasileira a partir do estudo das tradições folclóricas.

Palavras-chaves: Luís da Câmara Cascudo, folclore, Modernismo, cartas.

Abstract

This work focuses on the intellectual career of Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), the most known Brazilian folklorist, giving special attention to the interest about popular culture and the first researches on folklore developed in Brazil, as well as Cascudo's role in the institutionalization of Brazilian folklore studies and as a promoter of Brazilian modernism movement in Natal and all over northeast Brazil. It also analyses the letters exchanged between Câmara Cascudo and Mário de Andrade (1924 and 1944), discussing Brazilian reality through folklore studies.

Key Words: Folklore, Luís da Câmara Cascudo, Modernism, letters.

Introdução

O interesse deste trabalho consiste em assinalar o percurso intelectual do escritor Luís da Câmara Cascudo¹ no campo do folclore nacional. Durante sua longa e expressiva trajetória, Câmara Cascudo atuou em diversas áreas do saber, mas foi com os estudos sobre as tradições populares que ganhou notoriedade e reconhecimento.

A idéia de desenvolver uma pesquisa sobre o folclorista Luís da Câmara Cascudo surgiu ainda no curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesta Instituição, realizei alguns estudos em torno dos contos populares, vindo a aprofundá-los no curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil, no ano de 2001, também na mesma Universidade.

Portanto, esta dissertação de Mestrado é resultado de inúmeras leituras feitas ao longo de minha formação acadêmica que certamente privilegia o estudo das narrativas populares, tão expressivamente pesquisadas por Câmara Cascudo ocupado em investigar e documentar as tradições brasileiras, tornando-se uma referência nos assuntos do folclore nacional.

Com mais de uma centena de publicações, a extensa produção intelectual de Luís da Câmara Cascudo se revela como um convite para conhecer o Brasil através do universo da oralidade e da valorização das diversidades regionais. Sua intenção de recolher, organizar e documentar a riqueza folclórica do Brasil foi coroada com a edição, em 1954, de sua obra mais famosa: o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, conhecido apenas como "o Cascudo".

¹ O escritor nasceu em Natal, no dia 30 de dezembro de 1898, e faleceu a 30 de julho de 1986 na mesma cidade.

Embora a contribuição de Luís da Câmara Cascudo para as pesquisas folclóricas no Brasil seja volumosa, o meio acadêmico pouco tem investido no estudo da vida e da obra do escritor potiguar. No Rio Grande do Norte, destacam-se os professores Humberto H. de Araújo e Vânia de Vasconcelos Gico, na UFRN; na Universidade de São Paulo o pesquisador Marcos Silva é uma referência; e na PUC-Rio, os professores Ilmar Rohloff de Mattos e Margarida de Souza Neves coordenaram o projeto "Modernos Descobridores do Brasil", no período de 1995 a 2003, que pontuou a atuação de Luís da Câmara Cascudo na tarefa de "descobrir o Brasil".

Nesta pesquisa de Mestrado, o intercâmbio de idéias com os professores Humberto H. de Araújo e Margarida de Souza Neves foi fundamental para a minha orientação teórica, bem como para a formação do *corpus* da dissertação. Neste contato, foram inúmeras as indicações bibliográficas, as discussões sobre conceitos e o envio de livros e artigos. Deve-se ressaltar o acesso às cartas inéditas de Luís da Câmara Cascudo para Mário de Andrade, propiciado gentilmente pela professora Margarida de Souza Neves. Certamente, todo este auxílio iluminou o caminho labiríntico que todo pesquisador precisa percorrer para compreender o itinerário intelectual de Luís da Câmara Cascudo.

Provavelmente, a maior dificuldade deste trabalho foi delimitar o *corpus* da pesquisa, já que o universo cascudiano apresenta diversos temas a serem desenvolvidos e o tempo era bastante restrito. Buscou-se, então, como documentos privilegiados a leitura de textos críticos sobre a atuação de Câmara Cascudo enquanto folclorista e a análise da correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade.

Sob a motivação de aprofundar meus conhecimentos sobre as manifestações culturais brasileiras, esta pesquisa teve como desafio investigar a personalidade excêntrica de Luís da Câmara Cascudo que optou por não deixar a cidade de Natal, aceitando o título de "provinciano incurável".

O que parece ser incurável é o respeito e o orgulho de todo natalense pela obra deixada por Luís da Câmara Cascudo. Das inúmeras homenagens, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte registrou alguns dizeres em uma placa de bronze na entrada de sua casa. "Aqui LCC serve ao Rio Grande do Norte pelo trabalho intelectual mais nobre e mais constante que o Estado já conheceu."²

A cidade de Natal viu seu filho mais ilustre abandonar no quarto ano seus estudos de medicina para se formar em Direito, em 1928, pois este era o caminho esperado para um rapaz pertencente a uma família tradicional. Em certo período de sua vida, o conhecimento das leis lhe garantiu o seu próprio sustento e de sua família, mas certamente foi ao mundo das letras que o escritor potiguar dedicou grande parte de seu tempo.

Sua primeira produção intelectual³ foi publicada em 18/10/1918, no jornal natalense *A Imprensa*, na época de propriedade de seu pai. Depois de sua estréia como jornalista, Câmara Cascudo colaborou em diversos jornais do País e do exterior. Ainda muito jovem, Cascudo tornou-se um intelectual erudito que aprendeu a ler por iniciativa própria idiomas como o francês, o inglês, o italiano, o espanhol e

² CASCUDO, Luís da Câmara. *Textos do autor*. Disponível em <[http:// www.modernosdescobrimientos.br](http://www.modernosdescobrimientos.br)>. Acesso em: 27 abril 2003. (Entrevista com Luís da Câmara Cascudo feita em 08/01/1979 pelo Folhetim da Folha de São Paulo e compilada pela pesquisadora Tatiana Paiva em 21/03/2001, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

³ Cf. GICO, Vânia de Vasconcelos. *Luís da Câmara Cascudo: Bibliografia comentada 1968/1995*. Natal: Editora da UFRN, 1996.

até o Latim, fato que provavelmente facilitou suas viagens à Europa, África e Uruguai.

Além de historiador, crítico literário e romancista, Luís da Câmara Cascudo também foi professor de História do Brasil, de História da Música e de Direito Internacional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde encerrou sua carreira de 40 anos dedicados ao Magistério.⁴

Embora atuasse em diversas áreas do saber, Câmara Cascudo privilegiou o estudo da Etnografia e do folclore como fontes para a compreensão da diversidade cultural brasileira. Neste sentido, o escritor criou a *Sociedade Brasileira de Folclore*, em 1941, a primeira iniciativa de institucionalizar a pesquisa folclórica no Brasil.

A tarefa de organizar e publicar inúmeras coletâneas sobre o folclore nacional coube aos esforços de um pesquisador sensível e bem-humorado que "reuniu em vasta produção de livros e artigos um verdadeiro raio-x da alma brasileira."⁵

Em sua extensa e rica obra, é visível a presença de um Cascudo memorialista que valorizou e resgatou fatos de sua infância vivida no sertão nordestino e da sua convivência com as pessoas do povo que tiveram como observador um homem preocupado em documentar e preservar a cultura popular brasileira.

Ao assumir os perigos do autodidatismo, Luís da Câmara Cascudo declarou que não se deixou influenciar pelos métodos e fórmulas de conhecimento impostos

⁴ Ibid.

⁵ OLIVEIRA, Gildson. *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999, p. 186.

nos grandes centros e até o fim de seus oitenta e oito anos pregou pela "liberdade de expressão e pela autonomia teórica".⁶

A distância dos centros culturais de São Paulo e Rio de Janeiro não foi empecilho para o autor de *Vaqueiros e Cantadores*⁷ se manter atualizado sobre as idéias que circulavam nas capitais mais importantes do País. Um dos meios eficazes para isto foi a intensa troca de correspondência cultivada pelo escritor potiguar com o crítico e poeta Mário de Andrade e com outras personalidades como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Monteiro Lobato.

A partir das novidades trazidas pelas cartas, o escritor potiguar disseminou os ideais do Modernismo em Natal e na região Nordeste. Como jornalista e crítico literário atuante, Luís da Câmara Cascudo buscou estar sempre em contato com os novos rumos tomados pela Literatura e com os livros publicados, principalmente, em São Paulo. Assim, transformou-se num agente cultural que tratou não só de divulgar o movimento modernista mas também de consolidar uma tradição literária na cidade de Natal.

Quanto à organização deste trabalho, buscou-se estruturá-lo em três capítulos:

Num percurso histórico, o primeiro capítulo destaca o interesse dos antiquários pelas antigüidades populares, ainda no século XVI. O estudo destas antigüidades tomou outro rumo com o advento do Romantismo e com o surgimento dos folcloristas. As manifestações populares passaram a representar a autenticidade

⁶ Gico, Vânia de Vasconcelos. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 30, 2002, p.112.

⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

de um povo, ou seja, a possibilidade de consolidar a identidade de uma nação, pensamento oportuno para a formação dos Estados Nacionais.

Neste sentido, o primeiro capítulo enfoca a atuação do filósofo alemão Johann Gottfried Herder e dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm que contribuíram para a sistematização e a organização do material folclórico. No Brasil, os contos populares ganharam olhares atentos de Sílvio Romero, em fins do século XIX. A partir de uma visão mais científica, Amadeu Amaral e Mário de Andrade se debruçaram sobre a importância de estudar e preservar o folclore nacional, intenção esta seguida com afinco por Luís da Câmara Cascudo, já nas primeiras décadas do século passado.

Entre os anos de 1947 e 1964, os órgãos públicos mobilizaram vários intelectuais do País em prol da institucionalização do folclore brasileiro, porém decisões políticas atropelaram este processo e acabaram com o sonho de transformar o estudo das tradições populares numa disciplina a ser desenvolvida nas escolas secundárias e nas universidades.

O segundo capítulo assinala a importância de Luís da Câmara Cascudo como divulgador das idéias modernistas em Natal e na região Nordeste. Como jovem intelectual atuante já nas primeiras décadas do século XX, Câmara Cascudo resgatou a produção poética do Rio Grande do Norte, além de incentivar inúmeras discussões intelectuais entre os escritores natalenses.

Impulsionado pelos ideais modernistas mas também ligado à temática regional, Câmara Cascudo buscou sempre um caminho independente e, apoiado nos registros de sua convivência cotidiana, tornou-se um intérprete da cultura brasileira.

Dono de um saber erudito, Cascudo transitou com facilidade pela cultura letrada e, como ouvinte atento das histórias narradas pelo povo, o escritor e pesquisador potiguar construiu a sua base de pesquisa que abordou de forma comparativa os elementos que se repetiam tanto na cultura local quanto na universal.

O último capítulo analisa a correspondência entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo, no período de 1924 a 1944, com objetivo principal de apresentar a trajetória destes dois escritores em relação aos seus estudos folclóricos.

A diversidade de assuntos discutidos nas cartas é evidente assim como as afinidades e as discordâncias intelectuais entre os dois críticos que escolheram a pesquisa folclórica como uma via de acesso para desvendar as raízes da identidade brasileira.

Certamente, o estudo das séries epistolares deixadas por Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo permitiram-me conhecer o cotidiano vivido por estes intelectuais e também compreender o contexto histórico e cultural no qual estavam inseridos. As cartas perpassam por todos os capítulos desta dissertação como documento capaz de iluminar e reafirmar o caminho tomado por este estudo que deseja apontar em sua conclusão o empenho e a contribuição significativa de Luís da Câmara Cascudo para a valorização e a preservação da cultura brasileira.

A importância desta contribuição está expressa nos versos do cordelista Gonçalo Ferreira da Silva por ocasião do centenário de nascimento de Luís da Câmara Cascudo, comemorado em 1998.

MESTRE CASCUDO

(...) Nos momentos de silêncio
cogito até que Luís
da Câmara Cascudo veio
à Terra quando Deus quis
que alguém tivesse a presteza
de registrar a grandeza
cultural deste país.

(...)
Quando se faz referência
ao folclore nacional
Luís da Câmara Cascudo
é personagem central;
pelo que deixou escrito
é um verdadeiro mito
de proporção mundial
Foi o exemplo do homem
que se tornou operário
na construção do saber
foi um tudo solidário
porque trabalhou sem pausa
em obediência à causa
que o fez missionário

(...)
Cascudo o missionário
cumpru de Deus o pedido
documentando o nordeste,
tornando-o reconhecido
como o principal autor
Cascudo é um escritor
Universalmente lido.⁸

⁸ SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Mestre Cascudo*. Rio de Janeiro: Gonçalo Studio Gráfico e Editora, 1999, p. 1; 7. (número [154452] C3666)

1. Antiquários e folcloristas: o interesse pela cultura popular

A partir do século XVI, o interesse pela cultura popular tornou-se visível com o empenho de alguns estudiosos que se ocupavam do recolhimento e da documentação de temas sobre civilizações antigas, cujo objetivo era resgatar suas credences e superstições. No entanto, parte significativa desta literatura, produzida por sacerdotes, apresentava um caráter depreciativo e moralizador em relação às manifestações populares.

Aos poucos esta visão moralista foi modificada pelo trabalho dos antiquários que se reuniam em clubes para expor e discutir os dados de suas coletas. Assim, surgiu, em 1718, na Inglaterra, a *Sociedade dos Antiquários*, iniciativa seguida por vários países europeus no início do século XIX.

Para o escritor inglês Peter Burke, autor do livro *A cultura popular na Idade Moderna*¹, em fins do século XVIII e início do século XIX, os intelectuais europeus influenciados pelo Romantismo e pelo contexto histórico e político se interessaram pelas tradições populares que poderiam desaparecer diante das transformações geradas pelo progresso.

Ainda que já demonstrassem a necessidade de registrar e valorizar a tradição popular, os antiquários preocupavam-se apenas em discutir e publicar as antigüidades populares com o objetivo de saciar as suas curiosidades, ação classificada pelo pesquisador Renato Ortiz como uma "sistematização incipiente"². Neste contexto, foi criada a palavra "folklore" pelo inglês William John Thoms quando publicou, em 1846, na revista *The Atheneum*, de Londres, um artigo que

¹ BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

² ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1992, p. 13.

definiu as antigüidades populares como um saber, e propôs a união das palavras *Folk* (povo) e *Lore* (saber) para as várias denominações surgidas no século XVII.

Vale ressaltar que, uma vez aceita esta combinação saxônica, a palavra *Folklore* já nasceu com um caráter impreciso pois não traz uma definição clara sobre o termo *folk*:

É o *folk* um segmento da sociedade, um tipo de gente, ou se trata de todo e qualquer setor social tendo como limite um certo tipo de comportamento? No uso habitual deste termo *folk*, até hoje, vemos esta ambivalência: *folk* é povo, gente comum, plebe, mas também pode ser um grupo de qualquer extração social quando, devido à ocasião, seu senso de coletividade ou de solidariedade quer ser colocado em relevo, quando sua coesão se torna mais forte.³

Embora não se possa atribuir um sentido mais específico à palavra "folklore", o uso deste vocábulo tornou-se definitivo e englobou diversas denominações como superstições, antigüidades populares, costumes, provérbios, práticas, etc.

Com o advento do Romantismo, o conceito de cultura popular como portadora de elementos exóticos e primitivos cultuados pelos antiquários, deu lugar a um novo pensamento que passou a valorizar a autenticidade do popular enquanto meio de formar a identidade de uma nação.

Baseando-se na idéia de que a essência cultural de um povo está nas manifestações populares, os Estados Nacionais se constituíram a partir do vínculo entre o nacional e o popular, fundamental para a construção de identidades políticas.

O desejo de discutir os problemas e o destino do próprio país, objetivando uma transformação política e social, resultou, segundo a professora e pesquisadora Célia Pedrosa, na:

³ CARVALHO, Rita Laura Segato de. A antropologia e a crise taxonômica da Cultura Popular. In: *Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate*, Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2000, p. 14.

primeira forma de organização social moderna — a *nação* constituída por um *povo soberano*, capaz de formular suas próprias leis, consciente de sua especificidade e independência, disposto a preservá-las e fortalecê-las. Seus artífices a viam como condição tanto para a realização individual quanto para o desenvolvimento da humanidade. Pois ela estabeleceria padrões racionais, produtivos e harmoniosos para a integração dos membros de cada sociedade e para as relações cosmopolitas.⁴

Partindo do pressuposto de que a soberania de um povo estava intimamente ligada à preservação e ao fortalecimento da cultura popular, o pensamento romântico se preocupou com o folclore nacional, contribuindo, desta forma, para o surgimento das coletâneas de cantigas e narrativas orais.

Certamente, o Romantismo propiciou um interesse maior pelas tradições populares, surgindo um expressivo número de publicações e de pesquisas sobre este tema. Esta iniciativa foi impulsionada pelas idéias de Johann Gottfried Herder, principal nome do movimento pré-romântico alemão *Sturm und Drang* (Tormenta e Ímpeto), cujo objetivo principal era buscar as origens da nacionalidade na valorização da língua e das tradições do povo germânico.

No artigo *Nacionalismo e globalização*, o professor e pesquisador José Luís Jobim sintetiza as idéias que alimentaram a linha de pensamento de Herder, concebendo o nacionalismo como uma identidade herdada:

a nacionalidade é uma herança que se recebe ao nascer em determinada terra, pertencer a determinada raça e falar determinada língua. Por conseqüência, crê-se que, independente da vontade do indivíduo, ele já adquire, ao nascer, o espírito ou a alma do povo a que pertence.⁵

⁴ PEDROSA, Célia. Nacionalismo Literário. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 284.

⁵ JOBIM, José Luís. *Formas da teoria: sentidos, conceitos, políticas e campos de força nos estudos literários*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002, p.23.

Contrário à idéia de progresso alimentada pelo Iluminismo que afirmava a superioridade da França e da Inglaterra sobre os outros países, o filósofo alemão Herder, ao resgatar a importância da canção popular e do folclore nacional, demonstrou sua intenção política que "ao reabilitar as diferenças, o particular, [poderia] reivindicar, no plano do pensamento, a paridade dos direitos para o povo alemão."⁶

Para combater o domínio da cultura francesa sobre o ainda Império Germânico, o filósofo alemão defendeu a unidade nacional capaz de:

(...) construir uma civilização-organismo alemã, única forma de um povo escapar da dominação estrangeira (particularmente francesa) e da segmentação política. No plano interno, a totalidade-nação resolveria a contradição entre elite e povo, no plano externo os alemães conseguiriam uma identidade para se contrapor aos países centrais. É dentro deste contexto que surge o debate sobre a cultura popular; parte da *intelligentzia* alemã volta a sua atenção para as tradições para nelas encontrar o substrato de uma autêntica cultura nacional.⁷

Acreditando que o espírito criativo do homem só é desenvolvido a partir da linguagem e das tradições populares, Herder resgatou a importância da poesia popular como meio capaz de representar a autêntica e genuína identidade alemã. Através da poesia popular como "expressão espontânea da alma nacional"⁸, e do resgate dos costumes e hábitos, dos contos populares e da língua criou-se, então, a idéia de uma nação construída e unida por um ideal comum.

As idéias herderianas floresceram no século XIX e influenciaram tanto o Romantismo europeu quanto o brasileiro. Na literatura alemã, a pesquisa e a

⁶ ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1992, p. 21.

⁷ *ibid.*, p. 22.

⁸ *ibid.*

compilação de narrativas orais feitas pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm foi o melhor exemplo de seguimento às propostas nacionalistas de Herder.

Os irmãos Jacob Ludwing (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) dedicaram-se ao estudo da língua e da literatura germânicas. Pesquisaram, organizaram e publicaram contos da tradição oral de muitos estados alemães, além de ampliarem o estudo sobre a poesia popular iniciado por Herder.

Ao destacarem o anonimato das produções populares, os irmãos Grimm propuseram a eliminação do indivíduo no fazer poético, criando, assim, "uma nítida contradição entre o movimento romântico nacionalista e popular, e os ideais do Romantismo. A visão egocêntrica do artista cede lugar ao anonimato da criação".⁹

Segundo os Grimm, a poesia recolhida nos meios populares guardaria em sua essência o pensamento autêntico compartilhado por uma determinada comunidade que espontaneamente atualizaria elementos do passado resistentes às transformações do progresso. Fez-se necessário, então, o resgate de um passado longínquo que permanecia vivo na imaginação popular.

O interesse dos irmãos pela pesquisa folclórica propiciou a publicação, em 1812, de narrativas de cunho popular, intituladas *Contos para crianças e para o lar*. Na verdade, estes contos foram destinados indiferentemente a crianças e a adultos, objetivando uma leitura que envolvesse toda a família. Nesta primeira edição dos contos, os Grimm apresentaram uma metodologia diferente da utilizada pelos antiquários que publicavam versões populares com grandes modificações em suas estruturas.

⁹ *ibid.*, p. 23.

Jacob e Wilhelm Grimm realizaram um trabalho de transcrição criterioso e procuraram registrar fielmente o que ouviram do povo, registrando detalhadamente o local onde cada história foi recolhida. Sobre este trabalho, os Grimm declararam que:

À coletânea demos-lhe maior importância a fidelidade e veracidade. Nada acrescentamos; não adornamos nenhum fato e nem o vestimos com a roupagem da lenda; transmitimos apenas a essência deles, tal qual a recebemos. É evidente que o estilo e as minudências são nossas, mas conservamos todos os pormenores deixando assim a coletânea a multiplicidade de forma.¹⁰

Vale ressaltar que esta iniciativa apontou novos caminhos para a coleta e a sistematização do material folclórico, porém, a fidelidade tão almejada pelos irmãos esbarrou na necessidade de se realizarem modificações na sintaxe, no vocabulário e no estilo das narrativas já que estas eram destinadas a um público de classe média.

(...) na Alemanha daquela época a língua das classes médias era literalmente diferente da dos artesãos e camponeses. Assim, as versões originais das histórias teriam sido ininteligíveis para quem se destinava o livro. A tradução era imprescindível, mas necessariamente envolvia distorções. Algumas histórias foram expurgadas pois, de outra forma, teriam chocado seus novos leitores. As idiossincrasias individuais foram atenuadas, de modo a dar um estilo uniforme à coletânea.¹¹

O objetivo dos filólogos alemães foi, sobretudo, resgatar e salvar do esquecimento um patrimônio popular capaz de representar a identidade do povo alemão. Além de documentar as narrativas populares, os Grimm sistematizaram e organizaram a atividade de coleta e de transcrição dos contos.

Somente na segunda metade do período oitocentista, a partir da iniciativa dos irmãos Grimm, a atividade de sistematizar a coleta e o registro do material popular

¹⁰ GRIMM, Jacob & Wilhelm. *Contos e lendas dos irmãos Grimm*. Tradução de Isíde M. Bonini. São Paulo: Edigraf. s/d. p. 10.

¹¹ BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 46.

alcançou, como afirma a pesquisadora Cláudia Matos, seu "estatuto disciplinar"¹², fato que transformou os pesquisadores da cultura popular em folcloristas, ou seja, intelectuais que desejavam incluir o folclore na categoria de ciência.

A fundação da primeira associação de folclore a *Folklore Society*, em 1878, na Inglaterra, incentivou o acontecimento de vários congressos sobre as manifestações populares assim como a formação de várias outras associações em diversos países.

Embora guiados pelos ideais da ciência e do progresso, os folcloristas valorizaram as tradições populares como forma de ativar um passado longínquo, perdido na memória coletiva do povo. Esta intenção se aproximou da "idéia de salvação; a missão é agora congelar o passado, recuperando-o como patrimônio histórico."¹³

Assim como os românticos, os folcloristas valorizavam o gosto pelo passado que contrastava com os preceitos iluministas da época, sendo, portanto, esta uma contradição que permanece até hoje quando se trata da metodologia utilizada pelos estudiosos do folclore.

Em seu livro *Românticos e folcloristas*, Renato Ortiz discute com propriedade a dificuldade de se explicar a metodologia utilizada nas pesquisas folclóricas. Segundo o autor, mesmo com a influência do Positivismo, o folclore ainda não teria conseguido definir um estudo científico sobre o material que recolhe, permanecendo,

¹² MATOS, Cláudia Neiva de. Popular. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 328.

¹³ ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1992, p. 40.

muitas vezes, na curiosidade antiquária, no pitoresco e no exótico, na "acidentalidade metodológica".¹⁴

Para Renato Ortiz, o folclore ainda não representaria uma disciplina acadêmica pois seus estudiosos "constituem um grupo de curiosos sistemáticos, aplicados seriamente em realizar uma ilusão científica."¹⁵ Na busca obsessiva pelo material folclórico, os folcloristas não priorizam os métodos e se perdem em longas descrições e classificações para fazer parte de "uma lista heteróclita de acontecimentos desconexos."¹⁶

A indefinição em seus estudos científicos e um certo amadorismo, heranças do século XIX, revelam a condição periférica dos assuntos relacionados à cultura popular que ainda é vista com certo incômodo e estranheza pela crítica literária que:

confinou o papel do popular na literatura às 'origens', a uma infância e inocência idealmente eternizadas, cuja *pureza* se trata de preservar, ao mesmo tempo que se entroniza, em território apartado, a *nobreza* artística da literatura culta.¹⁷

Ao considerar o popular algo novo, excêntrico e externo, o pensamento literário constrói uma barreira que impede uma análise teórica do popular e do literário numa mesma perspectiva. Em âmbito geral, o conceito de literatura popular relaciona-se à grande heterogeneidade que seus textos compreendem, com características bem diversas em seus processos de produção, comunicação e/ou recepção e divulgação. Neste sentido, o adjetivo popular pode referir-se à literatura oral, ao folclore, à poesia iletrada, à literatura de massas, etc.

¹⁴ *ibid.*, p. 46.

¹⁵ *ibid.*

¹⁶ *ibid.*, p. 48.

¹⁷ MATOS, Cláudia Neiva de. Popular. In: JOBIM, J. L. (org.). *Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.307.*

A negatividade de todos esses textos parecer ser um dos fatores que os relega à periferia da crítica literária, revelando a primazia da cultura letrada sobre a cultura popular que ainda hoje não ocupa um papel de relevância no ensino de literatura nos segmentos escolares.

No Brasil, os estudos folclóricos surgiram num contexto influenciado pelos ideais românticos, em que se discutia a questão da identidade nacional ante a imposições estrangeiras. Pela via do folclore, alguns intelectuais, no final do século XIX, pensaram e refletiram sobre a constituição da cultura brasileira como afirmação de uma nação que almejava a independência.

As primeiras pesquisas sobre a cultura popular no Brasil começaram por volta de 1870, com a atuação de Celso de Magalhães (1849-1879) e com a publicação de *Nosso Cancioneiro* de José de Alencar (1829-1877). Com a intenção de refutar a edição desta obra, impregnada pelo olhar romântico, Sílvio Romero publicou na década de 1880 a primeira coletânea de narrativas orais intitulada *Contos Populares do Brasil*, contendo oitenta e oito histórias, além de divulgar, também, seus estudos críticos sobre a poesia popular no Brasil.

Sobre as primeiras iniciativas em torno das pesquisas folclóricas no País, Luís da Câmara Cascudo afirmou que "o estudo do folclore no Brasil iniciou-se pela colheita de sua literatura oral"¹⁸ já que para o escritor potiguar esta manifestação representa o "primeiro leite da cultura humana"¹⁹.

As intenções de Sílvio Romero eram marcadas pela influência dos padrões cientificistas vigentes na época e apontavam para a importância do estudo

¹⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. O Folclore: Literatura oral e Literatura popular. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968, p. 71.

¹⁹ *ibid.*

sistematizado da poesia popular na cultura brasileira. Desta forma, Romero tornou-se, praticamente, o iniciador dos estudos de folclore no Brasil, segundo o folclorista Édison Carneiro.

Contrário ao dogmatismo romântico que gerava uma idealização do índio e da realidade brasileira, Sílvio Romero imprimiu um novo olhar sobre o nacionalismo literário no Brasil, e apresentou novas discussões sobre a importância do elemento negro na cultura brasileira, mas o escritor " não escapa aos clichês ideológicos que marcam os estudos folclóricos na segunda metade do século: a poesia popular é toda feita de primitivismo e inocência, e seu *habitat* são as regiões rurais provincianas."²⁰

A importância de Sílvio Romero em torno do estudo da literatura oral brasileira se revela em seu pioneirismo quando publicou *Cantos Populares do Brasil*, em 1883, e *Contos Populares do Brasil*, em 1885, quando só havia registros folclóricos esparsos e fragmentados. Este fato levou Luís da Câmara Cascudo a considerar estas coletâneas o "primeiro documentário da Literatura Oral Brasileira".²¹

Vale ressaltar, ainda, que além do interesse pela cultura popular surgido no Brasil ter vínculo com a questão do nacional como ocorreu em países europeus como Itália e Alemanha, ainda existiu um outro ponto em comum com as experiências ocorridas na Europa. O pesquisador Renato Ortiz chama a atenção para o fato de o estudo do folclore ter florescido no interior do Brasil onde provavelmente as pesquisas sobre as manifestações populares seriam "uma forma

²⁰ MATOS, Cláudia Neiva de. Popular. In: JOBIM, J. L. (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 330.

²¹ ROMERO, Sílvio. *Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 15.

de afirmação, em contraponto à produção cultural dominante da qual [alguns intelectuais] são excluídos."²²

Buscando valorizar o regional em detrimento do poder centralizador do Estado, Silvio Romero:

(...) se dedicou à compilação de um cancionário brasileiro; ele pretendia se insurgir contra a cultura da corte, sediada no Rio de Janeiro. Há portanto uma correlação entre a emergência do folclore, que se dá predominantemente nas regiões periféricas, e o processo de unificação nacional em torno de um Estado mais centralizador. No momento em que uma elite local perde poder, tem-se um impulso para o estudo da cultura popular.²³

1.1 *A Princesa do Sono-Sem-Fim*

—Aquilo é um palácio encantado, príncipe meu senhor. Meu avô contou a meu pai e este contou a mim que, há cem anos, está ali dormindo uma princesa, com todos os seus criados, pajens e mordomos, por via de umas fadas. (...)

O príncipe ficou alvoroçado com a história que o velho contou e não dormiu pensando na princesa encantada. Pela manhã pegou um facão bem afiado e tocou-se para a mata, perto da casinha do velho. Chegou e meteu o facão, abrindo uma picada, porque tudo era fechado, fechado. Ia abrindo e entrando, e assim trabalhando, foi andando, até que deu numa roda de árvores enormes e no meio estava o palácio coberto de cipós, sem nenhum rumor, parecendo morto. O príncipe entrou pela porta principal e foi vendo soldados, músicos, damas e senhores, até cozinheiras e meninos, até os bichos, tudo parado, dormindo o sono solto.

Depois de subir as escadas e passar as salas cheias de gente roncando, viu deitada numa cama, forrada de seda, a moça mais bonita que a terra havia de comer, profundamente adormecida. O príncipe chegou para perto e pegou na mão da princesa e esta logo abriu os olhos dizendo:

—Oh príncipe! Como demoraste em vir!...

O palácio estremeceu e todo mundo acordou. O príncipe ouviu as cornetas tocando, bichos berrando, as pisadas dos soldados, gritos a música, enfim o barulho de gente viva.

²² ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1992, p.68.

²³ *ibid.*

Veio um mordomo muito bem vestido anunciar que o jantar estava na mesa e o príncipe comeu a galinha que estava sendo assada há cem anos.

Ficou aí como num céu aberto. Veio o padre e casou os dois sem perder tempo. Os dias voaram e a princesa era feliz. (...) ²⁴

A Princesa do Sono-Sem-Fim é a história de uma menina que adormeceu profundamente após espetar o dedo num fuso de fiar algodão. Depois de cem anos, a princesa foi acordada por um príncipe e foram felizes para sempre... Este e outros contos, Luís da Câmara Cascudo ouviu de pessoas simples do povo como Luísa Freire, uma empregada da família Cascudo, demonstrando, desta forma, uma atitude muito semelhante a dos irmãos Grimm que consideravam "o povo como transmissor fidedigno da tradição." ²⁵

Com algumas variações, os irmãos Grimm compilaram esta velha história com o título de *A Bela Adormecida*, no século XIX, a partir de fontes populares.

E mal sentiu a picada, caiu deitada em uma cama que havia junto do fuso, dormindo profundamente, e seu sono se estendeu por todo o palácio. (...)

Espalhou-se contudo, pelos arredores a história da Bela adormecida, como a princesa passou a ser chamada, e apareciam de vez em quando príncipes que tentavam chegar ao castelo, atravessando o espesso espinhal. Sempre, porém, acabavam achando impossível e desistindo, e os poucos que tentaram ir adiante tiveram morte horrível.

Depois de se passarem muitos e muitos anos, apareceu um príncipe que ouviu um velho falando a respeito da cerca de espinhos, que, segundo se dizia, escondia um castelo, no qual uma linda princesa estava adormecida e assim ficaria durante cem anos, e seus pais e toda a gente da corte igualmente dormiam. Seu avô já lhe contara também que muitos príncipes tinham tentado chegar ao castelo, mas haviam morrido no meio do espinhal.

Quando o príncipe se aproximou da cerca de espinhos, não viu espinho algum, e sim milhares de lindas flores, que o deixavam passar incólume, mas que se fechavam atrás dele, como uma cerca. (...)

²⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986, p. 41-43.

²⁵ ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1992, p.24.

O príncipe avançou mais ainda, chegou à torre e abriu a porta do quarto onde se encontrava a Bela Adormecida. Tão bela, que ele não pôde dela afastar os olhos por um segundo, e curvando-se, beijou-a . A Bela Adormecida, logo que foi beijada, acordou, abriu os olhos e encarou o príncipe, com uma expressão de doçura e carinho.

Os dois desceram da torre, e o Rei e a Rainha e todos os cortesãos acordaram e olharam uns para os outros atônitos. (...)

E o casamento da princesa com o príncipe que a beijou após seu sono de cem anos, foi celebrado com a maior pompa, e o casal viveu feliz até o fim de seus dias.²⁶

A Princesa do Sono-Sem-Fim, O Chapelinho Vermelho, Mata-Sete e outras histórias estão reunidas no livro *Contos Tradicionais do Brasil*, publicado em 1946. Sobre a concepção desta antologia de contos, Câmara Cascudo escreveu uma carta ao amigo Mário de Andrade, datada de 13 de abril de 1943, e afirmou:

amigo Mário de Andrade.

(...) Os "contos" me fizeram cabelo branco. Arranjei 100, alguns tirados do Silvio Romero, Lindolfo Gomes, Silva Campos e Rodrigues de Carvalho e Gustavo Barroso, José de Carvalho, Manuel Ambrósio. 80% registro de narrativas, com os nomes dos narradores, velhos, velhas, meninos, etc. Um encanto. Naturalmente o comentário saiu abaixo do que poderia ser feito. Moro na província e é atrevimento dedicar-me a esses estudos que exigem confronto.²⁷(...)

O atrevimento de Luís da Câmara Cascudo superou a precariedade de material bibliográfico que dispunha na época, e a sua distância dos mais importantes centros culturais do País. Neste sentido, o estudioso Hilário Franco Jr. aponta para a importância desta publicação, no que se refere ao avanço que representou na compilação de contos populares no Brasil, pois:

²⁶ GRIMM, Jacob & Wilhelm. *Contos de Grimm*. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p.249; 251-253.

²⁷ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 13 de abril de 1943. MA-C-CPL-1855. IEB-USP.

Câmara Cascudo coleta relatos orais e procura contextualizar cientificamente esses contos em pequenas porém ricas notas que seguem cada transcrição. Nelas, indica a presença da narrativa em outras culturas, apesar de, estranhamente, nem sempre as classificar segundo a tipologia de Aarne e Thompson, como seria de esperar.²⁸

Das cem narrativas registradas em *Contos Tradicionais do Brasil*, algumas foram retiradas de coleções impressas com as suas devidas referências bibliográficas, mas a grande parte delas foram coletadas a partir de depoimentos orais, sendo sessenta e duas ouvidas no Rio Grande do Norte. No recolhimento dessas histórias, Cascudo considerou a cidade em que o narrador viveu a maior parte de sua vida, inclusive a infância, período em que provavelmente teria ouvido o conto que transmitiu.

Assim como os irmãos Grimm, o folclorista potiguar procurou ser fiel na transcrição dos contos mas afirma ter feito modificações inevitáveis que, segundo ele, não alteraram a essência das narrativas.

A linguagem dos narradores foi respeitada noventa por cento. Nenhum vocábulo foi substituído. Apenas não julguei indispensável grafar muié, prinspo, prinspa, timive, terrive. Conservei a coloração do vocabulário individual, as imagens, as perífrases, intercorrências. Impossível será idéia do movimento, o timbre, a representação personalizada das figuras evocadas, instintivamente feitas pelo narrador. Os colaboradores tinham os níveis culturais mais diversos. Foram desde a senhora ao ginasiano, da cozinheira à ama analfabeta, da velha mãe de criação ao jardineiro efêmero, com as idades de doze a setenta e cinco anos, Fernando-Luís e Manuel Galdino Pessoa.²⁹

Luís da Câmara Cascudo revelou grande interesse em recolher e divulgar contos populares devido não só a sua expressividade, ao seu valor emocional e

²⁸ FRANCO Jr., Hilário. Contos Tradicionais do Brasil. In: SILVA, Marcos (org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/ USP, Fapesp; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003, p. 46-47.

²⁹ CASCUDO. Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986, p.19.

social mas também pela sua "importância capital como expressão de psicologia coletiva no quadro da literatura oral de um país".³⁰ Segundo Câmara Cascudo "o conto popular é o relato produzido pelo povo e transmitido por linguagem oral."³¹ O conto seria o encontro da memória que conserva os dados essenciais da narrativa com a imaginação popular capaz de modificar, acrescentar, suprimir certos aspectos da história.

O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos.

Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão, vêm com as histórias fabulosas, ouvidas na infância. A mãe-preta foi a Sheherazada humilde das dez mil noites, sem prêmios, sem consagrações. Quanto lhe ouvimos contar, segue, lentamente, ao nosso lado, emergindo nas horas tranqüilas e raras de alegria serena.³²

Na longa explicação para o verbete *Conto popular*, registrada no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o folclorista potiguar optou por fazer uma classificação dos contos populares a partir da divisão proposta por pesquisadores brasileiros e estrangeiros como Antti Aarne e Stith Tompson.

Contos de Encantamento: correspondem aos contos de fadas, estórias da carochinha, caracterizados pelo elemento sobrenatural, miraculoso, maravilhoso. (...) *Contos de Exemplo*: são contos de fundo moral, havendo sempre uma intenção educativa.(...) *Contos de Animais*: fábulas tendo o animal como personagem principal. (...) *Contos Religiosos*: caracterizam-se pela presença ou interferência divina. (...) *Contos Etiológicos*: explicam a origem do objeto, seja animal, vegetal ou mineral.(...)³³

³⁰ CASCUDO. Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11.ed. revista. São Paulo: Global, 2001, p. 156.

³¹ *ibid.*

³² CASCUDO. Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986, p. 15-16.

³³ CASCUDO. Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11.ed. revista. São Paulo: Global, 2001, p. 157.

Luís da Câmara Cascudo apontou, ainda, a antigüidade, o anonimato, a divulgação e a persistência como características próprias de um conto popular.

"É preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omisso nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo."³⁴

Vale ressaltar, ainda, que a intenção de Câmara Cascudo ao publicar *Contos Tradicionais do Brasil* não foi estudar as origens das histórias e interpretá-las, apesar de sempre apresentar uma nota explicativa ao final de cada narrativa, informando uma pequena biografia de quem a transmitiu, além de indicar algumas variantes encontradas, principalmente, na literatura européia.

Para Cascudo, os motivos essenciais dos contos atravessam a fronteira do tempo e do espaço e se repetem em histórias narradas em diversas culturas. Neste sentido, o escritor potiguar assinala o caráter universal das narrativas populares que reunidas na *coletânea Contos Tradicionais do Brasil* se apresentam como uma pequena mas significativa amostragem da presença de contos "no" Brasil e não "do" Brasil.

As pesquisas esclareceram que os contos populares, nas áreas estudadas do mundo, não são incontáveis nem demasiado complexos. Partem de temas primitivos e obedecem a uma seriação articulada de elementos de soluções psicológicas, uso de objeto, encontro de obstáculos, comuns e semelhantes.(...) A variedade dos fios formadores dá a ilusão do inesgotável na imaginação popular. A variedade está limitada aos processos de articulação, de engrenagem psicológica, de um episódio no outro, através de raças, idiomas e séculos.³⁵

³⁴ CASCUDO. Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986. P. 16.

³⁵ CASCUDO. Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11.ed. revista. São Paulo: Global, 2001, p. 156-157.

1.2 A institucionalização do folclore no Brasil

Os estudos de Sílvio Romero sobre a poesia popular brasileira se renovaram e receberam nova roupagem nas primeiras décadas do século XX, quando o nacionalismo literário impulsionou um olhar crítico sobre os problemas brasileiros e uma renovação estética promovida pelo Modernismo.

Interessados em empreender um novo rumo às pesquisas folclóricas no Brasil, os estudiosos Amadeu Amaral e Mário de Andrade se destacaram no estudo e na reflexão sobre o material folclórico, no início do século XX. Para ambos, era preciso seguir uma metodologia científica em todas as etapas da pesquisa.

Instigado pelas críticas de Romero em relação ao diletantismo atribuído aos estudos de folclore no Brasil, o poeta e filólogo Amadeu Amaral (1875-1929) engrossou o coro daqueles intelectuais que propunham uma renovação nos trabalhos desenvolvidos no campo do folclore.

No artigo *Evolução dos estudos de Folclore no Brasil*³⁶, Édison Carneiro apontou três males que, segundo Amadeu Amaral, dificultavam os estudos de folclore: o sentimentalismo, herança romântica que ainda se fazia presente; o excesso de teorizações imaginosas e precoces e o excesso de diletantismo erudito.

Para combater este males, Amadeu Amaral propôs pela via da ciência, uma preocupação maior com a coleta do material folclórico que segundo ele era "a primeira e grande barreira a impedir o desenvolvimento dos estudos de folclore."³⁷ Seu objetivo era "estabelecer um critério comum a todos os folcloristas na coleta do

³⁶ CARNEIRO, Edison. *Evolução dos estudos de Folclore no Brasil*. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro: CDFB/MEC, Vol.2, nº 3, p. 50, 1962.

³⁷ CAVALCANTI, Maria Laura et al. *Os estudos de Folclore no Brasil. Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate*. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2000, p. 106.

material (...) para alcançar a realidade da tradição popular 'autêntica' sem enxertos nem remendos".³⁸

Amadeu Amaral se ressentia de um estudo mais objetivo e distanciado dos apegos da imaginação romântica. Fazia-se necessário, então, buscar a autenticidade da tradição popular sem alterá-la ou suprimi-la. Apreensivo com o estudo e a divulgação das tradições populares, o poeta apontou a importância da escola como difusora do material folclórico para as futuras gerações.

Seguindo os passos de Amadeu Amaral, Mário de Andrade também se preocupou em imprimir um olhar mais científico sobre as manifestações populares, exercendo expressiva atuação na década de 30 em torno, principalmente, do folclore musical.

Como Diretor do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, no breve período entre 1935 e 1938, o crítico paulista criou um curso para a formação de folcloristas, ministrado por Dina Lévi-Strauss, esposa do professor francês Claude Lévi-Strauss que havia sido contratado pela USP. Este curso visava, principalmente, orientar a atividade de coletar dados cuidando para que o estudioso não caísse na armadilha do "diletantismo erudito."

As discussões realizadas no curso de folclore incentivaram a criação da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF), em 1937, fato que levou o Brasil a participar do primeiro Congresso Internacional de Folclore, em Paris, neste mesmo ano. A divulgação das atividades desenvolvidas pela SEF eram publicadas através de boletins na *Revista do Arquivo Municipal*.

³⁸ *ibid.*

Em seu último ano como Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, Mário de Andrade idealizou e realizou o projeto *Missão de Pesquisas Folclóricas*, chamada pelo pesquisador Carlos Sandroni de "terceira viagem de Mário de Andrade", já que o escritor havia feito duas viagens ao nordeste entre 1927 e 1929.

Sem participar efetivamente desta viagem, Mário escolheu para comandar o projeto o estudioso Luís Saiá que iniciou a Missão com o objetivo de "documentar aspectos da vida popular, entre os quais à música foi dada, de longe, a maior importância".³⁹ A Missão recolheu gravações e filmagens em Pernambuco, Paraíba, São Luís do Maranhão e Belém mas teve seus trabalhos interrompidos pelo golpe do Estado Novo que exonerou Mário de Andrade de seu cargo gerando a não conclusão do projeto.

No artigo *Notas sobre Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938*, Carlos Sandroni afirma que o material recolhido pela Missão foi organizado, mais tarde, pela pesquisadora Oneida Alvarenga que conseguiu publicar cinco livros referentes às pesquisas folclóricas realizadas pela Missão de 1938: *Xangô*, *Cheganças de marujos*, *Tambor-de-mina e Tambor-de-crioulo*, *Catimbó* e *Babassuê*.

De forma incontestável, o empenho de Mário de Andrade no comando do Departamento de Cultura de São Paulo o transformou num "protagonista de um dos esforços de institucionalização do folclore e de afirmação da necessidade de torná-lo condizente com as exigências da produção de saber científico."⁴⁰

Os esforços de Mário de Andrade em torno da institucionalização dos estudos de folclore se perderam diante dos novos rumos tomados pela política brasileira, fato

³⁹ SANDRONI, Carlos. Notas sobre Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n. 28, p. 60-62, 1999.

⁴⁰ TRAVASSOS, Elizabeth. Mário e o folclore. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 30, p. 94, 2002.

que causou grande frustração para o escritor que decidiu se auto-exilar no Rio de Janeiro, onde trabalhou no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e no Instituto do Livro, retornando a São Paulo somente em 1942.

Descrente e pessimista em relação ao futuro dos estudos folclóricos no Brasil, Mário de Andrade escreveu o seu último texto sobre este assunto e afirmou que:

A situação dos estudos do Folclore no Brasil ainda não é boa.(...) o Folclore científico no Brasil sofre a concorrência impudica do amadorismo, escandalosamente protegido pelas casas editoras e o aplauso do público. (...) Em resumo: o Folclore no Brasil, ainda não é verdadeiramente concebido como um processo de conhecimento. Na maioria das suas manifestações, é antes uma forma burguesa de prazer (leituras agradáveis, audições de passa-tempo) que consiste em aproveitar exclusivamente as 'artes' folclóricas, no que elas podem apresentar de bonito para as classes superiores.⁴¹

1.3 Luís da Câmara Cascudo e a fundação da Sociedade Brasileira de Folclore

Não termos no Brasil um instituto, uma associação, um clube, uma coisa que reúna os malucos que amam o folclore, é um elemento negativo e afastador de qualquer possibilidade de realização sistemática e geral (...) A conseqüência é ouvirmos folclorista como palavra pejorativa e vagamente insultosa. Um amigo meu, residente no Rio de Janeiro, homem de livros por fora e idéias por dentro, perdeu meia hora explicando as razões de não ser folclorista.⁴²

Preocupado e atento à situação dos estudos folclóricos no Brasil, no início da década de 40, Luís da Câmara Cascudo idealizou e fundou, em Natal, a Sociedade Brasileira de Folclore (SBF). Entusiasmado, o escritor potiguar explicou a Mário de Andrade o funcionamento desta Sociedade na carta enviada em 19/10/1941.

⁴¹ ANDRADE, Mário. Folclore. In: MORAES, R. B. & BERRIEW, W. (org.). *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1948, p. 285-286.

⁴² CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983, p. 30.

Mario velhã querido.

(...) Agora vamos conversar sobre a SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLK LORE e seus planos apocalípticos. O nosso plano aqui é o grupo, 3, 5, 7, 9, 11, etc elementos reunidos na casa de um sócio. Eleito o presidente este designa seus auxiliares e a ata só existe quando há alguma coisa de valioso para registro. Começa-se pelo arquivamento, em espécie, livros revistas ou jornais, da bibliografia existente. Não sendo possível, apenas se fará a notação, com detalhes, editor, datas, páginas, assunto, etc. Idem, registro por cópia, de autos populares, tradições características, toponímia que seja de origem popular, etc. Enfim, quase tudo quando(sic) você começou a fazer aí, incluindo inquéritos.⁴³

Considerando os esforços de Câmara Cascudo, Mário de Andrade reconheceu o empenho do folclorista em divulgar e ampliar o estudo das tradições populares no estados brasileiros.

(...) o Prof. Luís da Câmara Cascudo fundou no Rio Grande do Norte a Sociedade Brasileira de Folclore, sob constituição bastante simples e elástica, e que por isso mesmo já tem desenvolvido boa atuação. (...) Graças à atividade e prestígio do Prof. Luís da Câmara Cascudo já se organizaram núcleos da Sociedade Brasileira de Folclore nos Estados do Piauí, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.⁴⁴

Ao discordar da opinião de Mário de Andrade, Edison Carneiro, em seu artigo *Evolução dos Estudos de Folclore no Brasil*, referiu-se à Sociedade criada por Câmara Cascudo como "pouco mais do que um nome".⁴⁵ Neste texto, o autor atribuiu a Luís da Câmara Cascudo um papel quase irrelevante no que se refere ao processo de institucionalização do folclore brasileiro.

⁴³ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 19 de outubro de 1941. MA-C-CPL-1851. IEB-USP.

⁴⁴ ANDRADE, Mário. Folclore. In: MORAES, R. B. & BERRIEW, W. (org.). *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1948, p.292.

⁴⁵ CARNEIRO, Edison. *Evolução dos estudos de Folclore no Brasil*. *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro: CDFB/MEC, vol.2, n. 3, p. 53, 1962.

Embora tenha considerado a utilidade do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Carneiro ressaltou o isolamento do folclorista potiguar como membro da Comissão Nacional de Folclore (CNFL) criada em 1947. Este órgão era parte integrante do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), estando ligado ao Ministério do Exterior e à UNESCO.

Esta Comissão se responsabilizou pela realização de inúmeros congressos e encontros em vários estados, além de promover reuniões em que se discutiam a importância de se criar uma instituição que pudesse incentivar as pesquisas folclóricas, objetivando a sua preservação e divulgação.

Consideradas tema relevante para as Ciências Sociais, as pesquisas em torno do folclore buscavam constituir o *status* de uma disciplina autônoma que desejava ocupar um lugar de relevância na universidade brasileira, fato que, provavelmente, não ocorreu pois:

(...) o folclorista se tornou o paradigma de um intelectual não acadêmico ligado por uma relação romântica ao seu objeto, que estudaria a partir de um colecionismo descontrolado e de uma postura empiricista.⁴⁶

A idéia do folclore como disciplina "menor", marcada pelo amadorismo e diletantismo permaneceu mesmo no período de maior mobilização em torno deste tema, limitado entre os anos de 1947 e 1964, segundo a tese do antropólogo Luís Rodolfo Vilhena, intitulada *Projeto e Missão: movimento folclórico brasileiro 1947-1964*.

⁴⁶ VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte / Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 22.

Neste trabalho, o autor destacou o empenho do folclorista Renato Almeida frente à Comissão Nacional do Folclore, cujo objetivo maior era "dinamizar o folclorismo brasileiro"⁴⁷ através da formação de Comissões Estaduais que se espalharam por todo o País, criando uma estrutura descentralizada e autônoma.

Embora essas Comissões Estaduais tenham contribuído expressivamente para os estudos folclóricos no final da década de 40, a ausência de recursos financeiros e o trabalho de folcloristas sem remuneração começaram a prejudicar o desenvolvimento das atividades. Para solucionar este problema, se propôs, então, a criação de um convênio entre as Comissões e os seus respectivos governos estaduais.

No que se refere ao Estado do Rio Grande do Norte, este convênio tardou a se realizar pois o governo potiguar já destinava verbas para a Sociedade Brasileira de Folclore e para a representação brasileira do Clube Internacional de Folclore.

A dificuldade encontrada por Renato Almeida para realizar este convênio o afastou de Luís da Câmara Cascudo que neste momento se dedicava quase exclusivamente às atividades da SBF, preferindo permanecer em Natal longe dos centros intelectuais, fato que teria obrigado Almeida,

"que tinha Cascudo como um de seus amigos pessoais, a entreter, com o secretário-geral da CNFL, uma relação ambígua: reconhecia a sua precedência no nível nacional, mas o mantinha isolado das decisões do "quartel-general" carioca da CNFL."⁴⁸

⁴⁷ *ibid.*, p. 97.

⁴⁸ VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico 1974-1964*. Rio de Janeiro: Funarte / Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 102.

Vilhena apontou, ainda, que o isolamento de Luís da Câmara Cascudo no movimento folclórico não se deu apenas pela disputa de verbas do governo estadual entre a SBF e a Comissão de Folclore Rio-Grandense do Norte, mas também devido à organização dos folcloristas e a questões teóricas.

Enquanto Câmara Cascudo apoiava a criação do Clube Internacional de Folclore, Renato Almeida demonstrava desinteresse por esta iniciativa pois acreditava no estudo do folclore brasileiro apoiado num caráter nacional e patriótico, sendo, portanto, ineficiente a inter-relação com o folclore de países estrangeiros.

Nesta época, Cascudo mantinha intenso contato com folcloristas do exterior enviando dados colhidos em suas pesquisas sobre o folclore local e comparando com os relatos recebidos de outros pesquisadores estrangeiros, fato que, segundo o antropólogo Luís Rodolfo Vilhena, contribuiu para que os estudos de Câmara Cascudo trilhassem uma linha de trabalho que valorizasse o aspecto universal das manifestações folclóricas.

Se o movimento folclórico brasileiro optou "pela nacionalidade como instância de singularização a ser privilegiada, afastando-se das visões mais universalistas"⁴⁹, as pesquisas de Luís da Câmara Cascudo não priorizaram a nação como objeto de estudo mas o elemento local que se funde no universal de antigas culturas.

Embora fosse um dos folcloristas de maior prestígio nacional e internacional de sua geração, Luís da Câmara Cascudo não teve uma participação expressiva nem na Comissão Nacional de Folclore nem tampouco na elaboração do projeto que visava a preservação e a divulgação das tradições populares com o apoio do Governo Federal.

⁴⁹ *ibid.*, p. 280.

A partir deste projeto, foi criada, em 1958, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro que esteve sob o comando de Édison Carneiro até 1964, quando as mudanças políticas e a diminuição de verbas interromperam os cursos sobre Folclore nas Universidades do Ceará e da Bahia, as publicações e os festivais folclóricos, além de paralisarem as atividades promovidas pela Biblioteca Amadeu Amaral.

Desta forma, assiste-se ao declínio do movimento folclórico no Brasil, que ao longo de quase duas décadas, mobilizou estudiosos de todas as partes do país empenhados em conhecer mais profundamente a cultura popular.

Na década de 70, Luís da Câmara Cascudo retomou a discussão sobre a inclusão do Folclore no currículo escolar no livro *Tradição, ciência do povo*. O folclorista propôs a criação de um curso sobre a cultura popular na última série do colegial, hoje o Ensino Médio. Preocupado com a preservação das manifestações populares, Câmara Cascudo sugeriu "dar combate ao dragão do tesouro imemorial"⁵⁰ a partir da institucionalização do folclore nas escolas.

⁵⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência do povo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971, p. 183.

2. Luís da Câmara Cascudo - Um folclorista no Modernismo brasileiro

A década de 20, no Nordeste brasileiro, foi marcada pela repercussão do movimento modernista que agitava o sul do país e pela presença do Regionalismo. Nesta região, Recife foi o centro irradiador das idéias e propostas surgidas em São Paulo e no próprio Nordeste. Em Pernambuco, Joaquim Inojosa foi o mais expressivo divulgador do Modernismo que se difundiu num ambiente, também, fecundo para a valorização da temática regional, defendida, principalmente, por Gilberto Freyre.

Coube a Joaquim Inojosa, através de uma carta-manifesto, intitulada *A Arte Moderna*, o registro sobre o rompimento de Graça Aranha com a Academia Brasileira de Letras, em 1924. Este fato foi determinante para a divulgação do Modernismo em todo o Nordeste brasileiro. Tal episódio agitou o ambiente cultural de estados como Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Em Natal, Luís da Câmara Cascudo era um jovem intelectual que se transformou, ao longo da década de 20, num agente cultural capaz de divulgar as propostas modernistas e atualizar "um misto de província atrasada e 'deslumbrada' e/ou assustada diante das novidades que se apresentavam na realidade."¹

No início do século XX, ocorreram mudanças na política e na economia potiguar, resultando uma substituição da antiga influência cultural da oligarquia representante da economia açucareira, pela influência cultural de um grupo político ligado à economia algodoeiro-pecuária e oriundo do sertão. Graças à ação cultural de Luís da Câmara Cascudo que se colocou mais independente ao poder local, houve uma mudança qualitativa surgindo, assim, alternativas para as expressões culturais e artísticas do estado.

¹ ARAÚJO, Humberto H. de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995, p. 27.

O impulso que Luís da Câmara Cascudo deu à vida literária da pacata província surgiu da condição social que a família do escritor tinha nesta época. Seu pai, o coronel Francisco Cascudo, era um rico comerciante de Natal e mantinha com o poder político forte relação. Assim, Luís da Câmara Cascudo, filho único e protegido, cresceu num ambiente cercado por livros e reuniões requintadas na chácara do Tirol.

Na sua mocidade, em Natal, Cascudo teve existência de príncipe. Andava de polainas, monóculo e bengala do Egito, guiando um 'Ford de bigode', dos primeiros chegados à cidade. A Vila Cascudo, no Tirol, era o centro permanente de reuniões literárias, jantares festivos, recitais de músicos famosos, que transitavam por Natal.²

Com a intenção de consolidar uma tradição literária na província de Natal, Câmara Cascudo apontou para a necessidade da pesquisa sobre a realidade local e de um sistema capaz de promover a circulação da produção literária no estado bem como mantê-lo atualizado com as questões discutidas no sul do País.

Neste contexto, a imprensa escrita, principalmente os jornais *A República* e *A Imprensa*, este último de propriedade da família Cascudo, publicava, com ênfase, crônicas e artigos sobre hábitos e costumes típicos da cultura sertaneja, ao mesmo tempo que noticiava a chegada da modernidade, representada pelos automóveis e pela aviação comercial instalada na cidade devido a sua localização geográfica. Além de divulgarem a vida literária agitada do Recife, os jornais locais anunciaram a primeira publicação de Luís da Câmara Cascudo, o livro *Alma Patrícia*.

Lançado em 1921, *Alma Patrícia* se propôs a registrar e a resgatar a produção literária de alguns escritores natalenses, assinalando, desta forma, a importância de valorizar a cultura regional, intenção esta que segundo o pesquisador

² VERÍSSIMO DE MELO apud ARAÚJO, Humberto H. de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995, p. 45.

Humberto H. de Araújo³, refletiu o desejo nacionalista proposto no início do século passado.

Ainda seguindo os passos da crítica literária, Câmara Cascudo publicou o livro *Joio* em 1924 que apresentou um estudo sobre vários escritores brasileiros e argentinos. Neste mesmo ano, Cascudo lançou *Histórias que o tempo leva ...*, um livro que mistura dados históricos com narrativas presentes na memória coletiva da cidade. Com estas primeiras publicações, o escritor potiguar se destacou diante dos olhos modernistas de Mário de Andrade, que em setembro de 1924, escreveu:

Quanto às '*Histórias que o Tempo leva*', livro interessantíssimo sobre todos os aspectos. Gozei de princípio a fim. Excelente repertório de esclarecimentos. O que mais me atrai seus escritos deste livro, e mesmo no *Joio*, Luis da Câmara Cascudo, é a sua despreocupação da *literatura*. Não há esse preconceito de fazer literatura que é a maior praga da arte de escrever. Nada de frases bem acabadinhas, ritmos preconcebidos, adjetivos para encurtar linguagem directa, pessoal, enérgica, simples, eficaz. Muito bem. Admiro o seu livro.⁴

Através de outro ângulo, Gilberto Freyre elogiou o conteúdo do livro *Histórias que o tempo leva ...* afirmando que:

(...) [o autor] é daqueles que no Brasil vão procurando viver no fecundo contacto das realidades da tradição regional, conseguindo impor no seu livro muita coisa que andava no ar da tradição norte-rio-grandense, conseguindo igualmente, com seu bom senso e contra a história oficial, reabilitar as figuras que apresenta.⁵

Seguindo as trilhas de Luís da Câmara Cascudo, outros escritores e poetas norte-rio-grandenses também investiram no estudo sobre as manifestações literárias

³ Humberto Hermenegildo de Araújo é Professor Doutor de Literatura do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É um importante estudioso da obra de Luís da Câmara Cascudo. Publicou os livros *Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte* e *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*.

⁴ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 32-33.

⁵ GILBERTO FREYRE apud ARAÚJO, Humberto H. de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN; SESI, 1998, p. 42.

do estado, fato que movimentou o ambiente cultural da província, que naquele momento já havia consagrado Luís da Câmara Cascudo como o intelectual capaz de resgatar a tradição literária local e divulgar o Modernismo e o Regionalismo, em Natal.

O ano de 1924 foi o ano decisivo para a divulgação do Modernismo no Rio Grande do Norte. Através do artigo "Na Imortal Companhia - um 'rolo' da Academia de Letras", Câmara Cascudo noticiou, no Jornal *A Imprensa*, o rompimento de Graça Aranha com a Academia Brasileira de Letras:

No dia dezanove de maio, o sr. Graça Aranha, mentor do movimento ultra moderno no Brasil, realizou uma conferência na Academia Brasileira de Letras.

Como era de esperar, com imensa assistência, o ilustre escritor criticou o rotinismo acadêmico, O título da conferência era 'O academismo e o retardatário do novo pensamento.' Todos os discípulos do sr. Graça Aranha (e que são inúmeros) estavam presentes e fizeram a 'claque', o chuveiro de palmas a cada apóstrofe do mestre *Chanaan*.

Perorando, o conferencista declarou o dilema: ou a Academia se reformava ou morreria de inação. A assistência aclamou-o . Muitos srs. acadêmicos se retiraram do recinto, naturalmente nada satisfeitos com o colega.⁶

Este acontecimento provocou uma reação imediata entre os intelectuais da província: passou-se a discutir, efetivamente, o movimento modernista. Outros fatos também contribuíram para a divulgação do movimento modernista em Natal, como a amizade e o intercâmbio de idéias entre Luís da Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa, em Recife, e a troca de correspondência com o escritor Mário de Andrade, iniciada em 1924.

Vale ressaltar, ainda, a significativa repercussão da carta manifesto *A Arte Moderna*, escrita por Joaquim Inojosa. Neste documento, Inojosa afirmou ser Luís da

⁶ LUÍS DA CÂMARA CASCUDO apud ARAÚJO, Humberto H. de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995, p. 36-37.

Câmara Cascudo o representante do Modernismo em Natal. Esta opinião foi recebida de forma crítica pelo escritor potiguar que pretendia se manter independente em relação ao movimento:

(...) No Rio Grande do Norte coube-me os galões do generalato. Vindo de tais mãos dadivosas não recuso. Mas, ponho restrições. Não sei sob qual bandeira me bato e ajo. Até aqui a única teoria literária que me seduz é a minha. Há a compensação de ser eu só. E já é muito.⁷

Sem se comprometer com as correntes de pensamento da época, Luís da Câmara Cascudo sentiu-se livre para construir uma trajetória literária baseada no seu senso crítico. No decorrer da década de 20, Câmara Cascudo trilhou os caminhos modernistas mas também participou da discussão sobre a necessidade de se criar uma pesquisa em torno da cultura regional do Rio Grande do Norte. Junto com o poeta potiguar Henrique Castriciano (1874-1947), Cascudo criou uma espécie de "convivência acadêmica"⁸, que segundo o professor Humberto H. de Araújo foi fundamental para o "estabelecimento da literatura como atividade permanente no Rio Grande do Norte"⁹.

As notícias sobre o pensamento modernista invadiram o ambiente cultural de Natal que começava a discutir a polêmica gerada pelo Futurismo, a defender o verso livre, a ler os poemas de Mário de Andrade e os artigos de Oswald de Andrade, enfim, a província reagia às transformações por que passava o sistema literário brasileiro.

No período entre 1925 e 1927, o intercâmbio de leituras e os questionamentos sobre o movimento modernista ganharam fôlego com a publicação

⁷ *ibid.*

⁸ ARAÚJO, Humberto H. de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN; SESI, 1998, p. 12.

⁹ *ibid.*, p.13.

de alguns artigos sobre o pensamento moderno, através da imprensa local. Neste período, os laços de amizade e de discussões teóricas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade se intensificaram e o autor de *Alma Patrícia* passou a receber livros e poemas importantes como *A escrava que não é Isaura*, *Poema Acreano*, *Noturno de Belo Horizonte*, *Paulicéia desvairada*, *Pau -Brasil* e outros.

Ainda no que se refere à divulgação do Modernismo em Natal, vale ressaltar a importância do escritor Jorge Fernandes. Considerado o único poeta modernista do Rio Grande do Norte, Jorge Fernandes foi revelado e teve seu trabalho divulgado por Luís da Câmara Cascudo, através da sua troca de cartas com alguns dos principais intelectuais brasileiros da época, como Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

Em nome da amizade que os unia, Jorge Fernandes conseguiu publicar o seu *Livro de Poemas*, na tipografia do Jornal *A Imprensa*, na época dirigido por Câmara Cascudo. Seus poemas foram publicados em revistas nacionais como a *Revista de Antropofagia*, *Terra roxa e outras terras* e *Verde*, por intermédio também de Câmara Cascudo.

Durante toda a década de 20, Luís da Câmara Cascudo dedicou-se não só ao resgate e à valorização da cultura regional mas também desempenhou o papel de incentivador cultural do ideário modernista em sua província e em todo o Nordeste.

Desta forma, torna-se evidente que em sua trajetória intelectual, Luís da Câmara Cascudo transitou pelos caminhos indicados pelo Modernismo sem, ao mesmo tempo, deixar de pesquisar a temática regionalista, desenvolvida com ênfase pelos prosadores brasileiros nos anos 30.

2.1 Macambira e xique-xique¹⁰

Menino, fui com minha mãe para o Sertão. (...) Não estudei a vida sertaneja há mais de meio século. Vivia integralmente. Todos os motivos de pesquisa foram inicialmente formas de existência natural, assombrações, alimentos, festas, soluções psicológicas.¹¹

As histórias de Trancoso, a leitura de *Carlos Magno e os Doze Pares da França*, o som das violas nas festas de casamento, o cheiro e o paladar das refeições, os ensinamentos através dos provérbios populares são reminiscências de uma infância sertaneja vivida por Luís da Câmara Cascudo.

Para cuidar do início de uma tuberculose, que ameaçava a saúde do único filho do casal Francisco Cascudo e Ana Miranda da Câmara Cascudo, que já tinham perdido outros três filhos, Luís da Câmara Cascudo seguiu com a mãe para o sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte para o tratamento da doença.

Esta vivência certamente marcou profundamente a personalidade do escritor potiguar que encontrou no ambiente sertanejo um caminho para descobrir o Brasil e pensar sobre o que era genuinamente brasileiro.

A experiência de cortar macambira e xique-xique para o gado, de banhar-se nos córregos da fazenda, de caçar animais típicos da região sertaneja transformou o menino que "vingou" em um estudioso da cultura popular empenhado em pesquisar e registrar, baseado em seu testemunho pessoal, os hábitos e costumes de um sertão que resistia às mudanças trazidas pela modernidade.

Já em 1922, como um importante intelectual de Natal, Câmara Cascudo chamava a atenção para a necessidade de pesquisar a tradição regional, tendo

¹⁰ Macambira - planta da família das bromeliáceas, de folhas rígidas e espinhosas, muito dispersa nas regiões mais secas nordestinas. Xique-xique - planta da família das cactáceas, também conhecida por xique-xique do sertão. Seu caule é espinhoso e rico em água.

¹¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Seleto*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio; Instituto Nacional do livro, 1972, p. 6-7.

como sua expressão mais autêntica o sertão nordestino. Ao resenhar o livro *Cantadores*, de Leonardo Motta, Cascudo afirmou:

(...) no Sertão o progresso matou a originalidade dos costumes e da vida. Nos períodos das secas o automóvel varou fanfonando todas as várzeas; atravessou capoeirões, bateu os descampados, grimpou os serrotes, indo a toda parte, num alarido de civilização, atordoando e confundindo a lenta andadura dos 'comboios', tangidos a 'ponta de linha', no passo remorado e lerdo do hábito secular. (...) O que se deve fazer é seguir o exemplo do jovem escritor cearense. Deixai de parte as vacuidades elegantes de Paris, o prosear vetusto de Lisboa, e entrar no sertão, e bem depressa, todo nosso sentimentalismo e emoção se regozijará ante o cenário magnífico. Esqueçamos um pouco as importações mentais e, pelas nossas belezas, volvamos à messe loira da infinita seara da alma sertaneja."¹²

Num artigo interessante escrito pela pesquisadora Margarida de Souza Neves¹³ intitulado *O Sertão (En)cantado: cores e sonoridades*, propõe-se um estudo sobre a representação do sertão numa poesia de Luís da Câmara Cascudo publicada em 1926 e que foi musicada, em 1999, pelo intérprete Winston Geraldo G. Barreto, conhecido por Gereba.

Num período de intensa correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade, o poema *Não gosto do sertão verde* foi publicado pela Revista *Terra Roxa e Outras Terras* depois que o escritor paulista tomou a iniciativa de enviá-lo à imprensa escrita mesmo sem a autorização do amigo potiguar.

(...) adorei tanto o Não Gosto de Sertão Verde que roubei ele por minha conta e já que você não quis mandar nada pra Terra Roxa dei o poema pros redatores que por sinal se entusiasmarão também.¹⁴

¹² LUÍS DA CÂMARA CASCUDO apud ARAÚJO, Humberto H. de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995, p. 46-47.

¹³ Margarida de Souza Neves é professora Doutora em História e completa o quadro de docentes do Departamento de História da Puc-Rio. Realiza uma pesquisa sobre os modernos descobridores do Brasil que inclui Luís da Câmara Cascudo como um dos intérpretes do Brasil.

¹⁴ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 66.

Dedicado à Manuel Bandeira, o poema de Luís da Câmara Cascudo destaca-se pelo formato moderno que apresenta:

Não gosto de sertão verde,
Sertão de violeiro e de açude cheio,
Sertão de rio descendo
l
 e
 n
 t
 o
largo, limpo,
Sertão de sambas na latada,
harmônio, bailes e algodão,
Sertão de canjica e fogueira
- Capelinha de melão é de São João,
Sertão de poço de ingazeira
onde a piranha rosna feito cachorro
e a tainha sombreia de negro n' água quieta,
onde as moças se despem
d
 e
 v
 a
 g
 a
 r
Prefiro o sertão vermelho, bruto, bravo,
com o couro da terra furado pelos serrotes
hirtos, altos, secos, hispídeos
e a terra é cinza poalhando um sol de cobre
e uma luz oleosa e mole
e
 s
 c
 o
 r
 r
 e
como óleo amarelo de lâmpada de igreja.¹⁵

A tentativa de Cascudo de inovar na construção do texto foi criticada por Mário de Andrade que afirmou serem "falsas" aquelas "ideografias" e aconselhou o

¹⁵ LUÍS DA CÂMARA CASCUDO apud NEVES, Margarida de Souza. *O Sertão (En)cantado: cores e sonoridades*. Disponível em: < <http://www.modernosdescobrimientos.br>>. Acesso em : 22 Jul. 2003, p. 3-4.

amigo a escrever as palavras em declive de uma maneira natural. Segundo o crítico paulista, o que mais importava era o conteúdo da mensagem.

Analisando a leitura que Cascudo fez sobre o sertão, percebe-se a sua preferência pelo "sertão vermelho", ou seja, pelo sertão castigado pela seca, que segundo a professora Margarida de Souza Neves é:

(...) onde o tempo parece suspenso, sertão que fossiliza a vida dos homens, dos animais e das plantas, *o couro da terra furado pelos serrotes*, deixando à mostra a essência das coisas.¹⁶

A importância que o sertão representou para os estudos cascudianos, revelou-se em *Vaqueiros e Cantadores*, sendo a primeira contribuição sistemática sobre o folclore nacional, baseando-se, principalmente, no seu testemunho sobre a infância vivida no sertão nordestino.

Reúno neste livro quinze anos de minha vida. Notas, leituras, observações, tudo compendiei pensando um dia neste 'VAQUEIROS E CANTADORES'. (...) O material foi colhido diretamente na memória duma infância sertaneja, despreocupada e livre. Os livros, opúsculos, manuscritos, confidências, o que mais se passou posteriormente, vieram reforçar, retocando o 'instantâneo' que meus olhos meninos haviam fixado outrora. É o que fielmente se continha em minh' alma. Dou fé.¹⁷

No prefácio de *Vaqueiros e Cantadores*, publicado em 1939, percebe-se a tensão entre o sertão e a modernidade, em que o escritor potiguar mostrou-se conservador em relação às mudanças ocorridas no ambiente sertanejo.

Raro também será um lugar sertanejo que não tenha sido sobrevoado por um avião. O cangaceiro conhece armas automáticas moderníssimas. Gosta de meias de seda, perfumes. Alguns têm unhas polidas ... Quase todos usam meneios de 'cow boy', chapelão desabado, revólveres laterais, lenço no pescoço. (...)

¹⁶ NEVES, Margarida de Souza. *O Sertão (En)cantado: cores e sonoridades*. Disponível em: < <http://www.modernosdescobrimientos.br>>. Acesso em : 22 Jul. 2003, p. 7.

¹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939, p. 5.

O sertão se modifica rapidamente. Uniformiza-se, banaliza-se. Naturalmente a crítica é inoperante para eles. Melhor é a vida modernizada que a maneira velha do cavalo-de-sela e a viagem com 'descanso'.¹⁸

Numa visão mais amadurecida sobre o assunto, Câmara Cascudo em *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*, lançado em 1967, rejeitou o pensamento de que as manifestações populares poderiam acabar com a presença da modernização, pois acreditava na permanência do folclore no tempo e no espaço.

Dispensável é qualquer discussão sobre a permanência do folclore no tempo e no espaço. (...) Inútil será pensar que o desenvolvimento industrial anulará o folclore. Fará nascer outro. Essencial é deduzir que o folclore é uma cultura mantida pela mentalidade do homem e não pelo material manejado. O material é que será modelado, elevando-se a um motivo criador. Para que desapareça é preciso que sucumba a própria função. Sempre foi assim, na história do mundo.¹⁹

Entendendo ser o folclore "uma cultura do povo, viva, útil, diária, natural",²⁰ Cascudo enfatizou a continuidade das tradições populares no tempo e no espaço, que ao se modificarem, são substituídas por outras mais "eficientes e cômodas".²¹

O sertão que Cascudo conheceu não era mais o mesmo, o candieiro foi substituído pela luz elétrica, a distância se encurtou com a chegada do automóvel, o violão sertanejo se rendeu aos encantos do gramofone. Neste sentido, o autor do *Dicionário do Folclore Brasileiro* tornou-se representante de uma geração que buscou no estudo da Tradição um caminho possível para se construir um painel sobre a cultura e a identidade brasileira.

Esta foi uma tarefa quase diária, pesquisada incansavelmente pelo folclorista potiguar, que na década de 70, publicou *Tradição, ciência do povo*, no qual expôs a

¹⁸ *ibid.*, p.6.

¹⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Fundo de Cultura, 1967, p. 10.

²⁰ *ibid.*, p. 12.

²¹ *ibid.*

importância de sua vivência no sertão e da sua experiência na província de Natal como elementos capazes de testemunhar e legitimar a sua pesquisa, tendo como interlocutores "o Brasileiro dos sertões, cidades-velhas e praias sem constrangimento e disfarce".²²

Assim como em *Vaqueiros e Cantadores*, Câmara Cascudo indicou o espaço do sertão como fonte de seus depoimentos pautados em sua prodigiosa memória, nas suas leituras e nas histórias que ouviu e recolheu.

Pertenço a famílias do Sertão onde vivi e deixei já rapazinho. O material desse depoimento constitui cenário de infância e juventude. Gado, cavalos, vaqueiros, cantadores. Residindo em Natal, a casa de meu Pai era o 'Consulado do Sertão', cheia de exilados das caatingas e derrubadas. Como não entender a preferência temática da minha Raça? A imagem que me aplicavam na inquietação menina, ainda emprego, maquinalmente, aos netos inocentes de Sertão: 'Você está adivinhando chuva?'.²³

O menino sertanejo que participou das rodas de conversa após a ceia, que se preocupou em registrar uma cultura autenticamente brasileira mas com forte entrelaçamento com o elemento universal, pesquisado nos clássicos da literatura oriental e ocidental; encontrou ao percorrer os caminhos do sertão, uma via para se pensar a formação da cultura brasileira. Desta forma, o pesquisador Câmara Cascudo:

(...) encontra nos mais simples os complexos segredos que permitem inaugurar rotas que parecem diluir espaço e tempo, unindo os mais recônditos espaços brasileiros ao alento cultural de regiões remotas de todo o globo; o mais particular dos objetos às formas expressivas da universalidade; a voz mais contemporânea ao eco de cantos ancestrais; o mais profano dos gestos ao território sagrado dos mitos de origem; o quotidiano à história; o popular ao mais preciado dos tesouros eruditos; a oralidade à escrita, o trabalho cotidiano com os

²² CASCUDO. Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971, p. 10.

²³ *ibid.*, p.30.

fragmentos aparentemente desconexos com a possibilidade de desvendar, por fim, o que seja a cultura brasileira.²⁴

2.2 Câmara Cascudo - um mediador entre a cultura letrada e a não-letrada

O interesse pela cultura popular surgiu bem cedo na vida de Luís da Câmara Cascudo. "Ao lado do povo que sabe e conta as estórias de Trancoso e de fadas"²⁵, o menino sertanejo saboreou o seu "primeiro leite alimentar"²⁶ que mais tarde tornou-se objeto de estudo e comparação com a cultura erudita.

Diante do número expressivo de suas publicações, que fizeram do escritor potiguar um intelectual marcado pelo seu trabalho incansável em torno das manifestações populares, vale ressaltar que mesmo iniciando a sua atividade literária em 1918, só obteve reconhecimento nacional e internacional quando lançou, em 1939, o livro *Vaqueiros e Cantadores*.

Neste livro, o folclorista reuniu, de forma sistemática, suas observações e pesquisas sobre os "causos" do sertão nordestino, organizando um fichário temático sobre o folclore nacional. No entanto, o desejo de estudar e pesquisar a cultura popular surgiu ainda quando era um jovem intelectual: "Em 1918 apaixonei-me pela cultura popular, vivendo-a, procurando-a, amando-a."²⁷ Nesta época, Câmara Cascudo desfrutava de uma condição social e econômica privilegiada, no bairro do Tirol, onde a família Cascudo tinha uma chácara.

A partir da publicação do livro *Vaqueiros e Cantadores*, Luís da Câmara Cascudo iniciou um trabalho de organização e classificação de registros sobre

²⁴ NEVES, Margarida de Souza. Roteiros para descobrir a alma do Brasil: Uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. Disponível em: < <http://www.modernosdescobrimientos.inf.br>>. Acesso em : 27 Abr. 2003, p. 11.

²⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984, p. 17.

²⁶ *ibid.*, p. 16.

²⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971, p. 149.

diversas manifestações populares e, então, decidiu publicar um dicionário. Somente em 1943, Augusto Meyer, Diretor do Instituto do Livro, propôs a Câmara Cascudo a escrita de um volume sobre o folclore brasileiro para fazer parte da *Enciclopédia Brasileira*.

Aceito o convite, Cascudo trabalhou exaustivamente por mais de dez anos na construção do *Dicionário do Folclore Brasileiro* que contou com o envio de verbetes de vários amigos intelectuais, estudiosos do folclore nacional, professores e pessoas do povo que muito contribuíram com suas histórias e costumes.

Em nota da primeira edição, em 1954, Câmara Cascudo afirmou ser impossível "fixar o Brasil inteiro no plano folclórico"²⁸, e por isso, o Dicionário estava incompleto. O autor pretendeu documentar os usos e os costumes mais característicos, as lendas e os mitos nas suas versões regionais, as bebidas e comidas tradicionais, as festas e danças populares e outros tantos temas com o objetivo de facilitar as consultas pessoais e de contribuir para o conhecimento da cultura popular.

Até a quarta edição, em 1979, o autor recebeu de todas as partes do País sugestões de acréscimos e pôde ampliar o número de verbetes e atualizar a bibliografia consultada. A partir de alguns registros, o folclorista aprofundou suas pesquisas e publicou obras como: *História da Alimentação no Brasil*, em 1967 e 1968, *Tradição, Ciência do Povo*, em 1971, e *História dos Nossos Gestos*, em 1976.

O interesse de Luís da Câmara Cascudo pela cultura popular foi o impulso maior para que o *Dicionário do Folclore Brasileiro* se transformasse num projeto capaz de representar o universo da oralidade em toda a sua diversidade regional.

²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. revista. Nota da 1ª edição. São Paulo: Global, 2001.

Assumida a posição de intelectual provinciano, Luís da Câmara Cascudo não se deixou influenciar pelos métodos e fórmulas de conhecimento impostos nos grandes centros. Cascudo assim afirma: "Guardo a independência tranqüila, anônima e obstinada de não amarrar os olhos aos calcanhares de nenhuma entidade solar."²⁹

Valorizando as especificidades regionais e a sua experiência na cidade de Natal, Câmara Cascudo demonstrou o seu caráter autêntico e independente em relação aos estudos folclóricos e, como homem do povo, recolheu, comparou e pesquisou a origem da tradição oral no Brasil. Sobre a sua fonte de pesquisa para a elaboração do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo declarou:

"Assim, de mão ao peito, informo que encontrei no povo do Brasil o material deste Dicionário e todas as coisas aqui registradas participam indissolavelmente da existência normal do homem brasileiro."³⁰

Em 1949, mais uma obra de valor relevante foi escrita por Câmara Cascudo. Para compor a série História da Literatura Brasileira, organizada por Álvaro Lins e publicada pela editora José Olympio, na década de 1950, Cascudo apresentou o livro *Literatura Oral no Brasil*.

Em dez capítulos, o folclorista potiguar registrou a complexidade lógica dos jogos infantis, parlendas, adivinhas e outros jogos de linguagem. Documentou também a contribuição do índio, do negro e do branco para a formação do nosso rico repertório de narrativas. Mesmo apontando a sobreposição da cultura ibérica sobre as outras, Câmara Cascudo demonstrou estar ciente da miscigenação como fator determinante para a constituição da cultura brasileira. *Literatura Oral no Brasil*

²⁹ ibid.

³⁰ ibid.

estuda, ainda, a estrutura do conto popular, dos romances relacionados ao ciclo do gado, e de folgedos como as congadas e o bumba-meu-boi.

Sobre a importância desta obra na vasta produção folclórica de Luís da Câmara Cascudo, a pesquisadora da Universidade de São Paulo Jerusa Pires Ferreira afirmou:

Esse livro cumpre o papel germinadouro e é, em si mesmo, um monumento, tanto no que toca aos repertórios levantados, quanto pela intuição que faz dele um panorama, um ponto de partida e também de chegada. Estão aí previstos também vários delineamentos para sua obra, então em curso, como está contido o rebatimento daquela já realizada. Aí, encontramos, bem nitidamente, a presença de *Vaqueiros e Cantadores*, *Geografia dos Mitos Brasileiros*, *Cinco Livros do Povo* e, entre outros, as próprias antologias que preparou.³¹

Ao prefaciар este livro, Câmara Cascudo relatou o contato que teve, durante a infância e a adolescência, com o saber letrado e com a cultura popular, reafirmando, desta forma, a possibilidade de inscrever a literatura popular numa coleção destinada à Literatura brasileira.

Inconscientemente confrontava ritmos e gêneros, as exigências do dogma culto e a praxe dos cantadores sertanejos, setissílabos, décimas, pé-quebrado, a ciência do 'desafio'. Todas as leituras subseqüentes foram elementos de comparação.³²

Valendo-se de sua experiência sertaneja povoada pela riqueza própria da cultura popular, Câmara Cascudo sentia-se como um "depoimento testemunhal"³³, marcando desta forma a sua autoridade para verificar "a unidade radicular dessas duas florestas separadas e orgulhosas em sua independência exterior."³⁴

³¹ FERREIRA, Jerusa Pires. Literatura Oral. In: SILVA, Marcos (org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/ USP, Fapesp; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003, p. 155.

³² CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984, p. 16.

³³ *ibid.*

³⁴ *ibid.*

Ao transitar por estas duas "florestas" representadas pela literatura oral e pela literatura oficial marcada pela erudição, Luís da Câmara Cascudo tornou-se um mediador entre a cultura popular e a cultura letrada, revelando-se um estudioso preocupado em registrar as histórias que ouviu do povo simples, comparando-as com as leituras que fazia em seu acervo particular com mais de quinze mil títulos e nas bibliotecas e nos arquivos que freqüentava com assiduidade. Neste sentido, Câmara Cascudo não privilegiava as fontes de suas pesquisas.

Os folcloristas portugueses Jaime Lopes Dias e Augusto C. Pires de Lima registam uma ronda, 'A Condessa', 'Condessa de Aragão', conhecida no Brasil por 'La Condessa', uma das mais antigas. Minha avó materna, Maria Urusulina da Câmara Fernandes Pimenta, nascida em 1835, cantou inúmeras vezes e dizia ser a 'catinga' mais conhecida entre as meninas naquele tempo.³⁵

Em seu método de trabalho, Luís da Câmara Cascudo optou por comparar temas e elementos presentes em ambas as literaturas, com a intenção de indicar a sua persistência em lugares distintos e em épocas distantes, porém sem a pretensão de localizar a fonte inicial. A partir de uma perspectiva mais ampla, Câmara Cascudo se lançou a um "escurão de séculos, através de povos e civilizações, num enovelado alucinante de convergências, coincidências, presenças, influências, persistências folclóricas."³⁶

Neste "enovelado alucinante" que tomou grande parte dos estudos cascudianos, o leitor é surpreendido pela expressiva erudição de Luís da Câmara Cascudo que através de suas leituras relacionou e comparou o universal com aquilo que é típico, local.

³⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984, p. 56-57.

³⁶ *ibid.*, p. 30.

A bibliografia, sempre crescente, empurra os horizontes da certeza. Ficamos dançando diante do assunto, assombrados pela multiplicidade das orientações, pela infinidade dos sinais, apontando para toda a rosa-dos-ventos. Vezes paramos porque vinte estradas correm na mesma direção, embora volteando paisagens diferentes.³⁷

Segundo Luís da Câmara Cascudo, o folclore e a cultura letrada se complementam e caracterizam a mentalidade do povo, estes dois elementos representariam os dois lados de nossa cultura pois:

Nascemos e vivemos mergulhados na cultura da nossa família. Dos amigos, das relações mais contínuas e íntimas, do nosso mundo afetivo. O outro lado da cultura (cultura, fórmula aquisitiva de técnicas, e não sinônimo de civilização) é a escola, a universidade, bibliotecas, especializações, o currículo profissional, contatos com os grupos e entidades eruditas e que determinam vocabulário e exercício mental diversos do vivido habitualmente. Vivem, numa coexistência harmônica e permanente, as duas forças de nossa vida mental. *Non adversa, sed diversa*. Potências de incalculável projeção em nós mesmos, o folclore e a cultura letrada oficial, indispensável, espécie de língua geral para o intercâmbio natural dos níveis da necessidade social.³⁸

Acreditando numa "coexistência harmônica e permanente" entre a cultura popular e a cultura letrada, Câmara Cascudo recolheu, analisou e comparou dados sobre danças, festas, comidas e lendas ouvindo informantes do povo como Luisa Freire, "a velha Bibi" e Francisco Ildefonso, pescador na praia de Areia Preta, em Natal. Numa outra via de acesso, Cascudo enriqueceu os seus estudos folclóricos com textos clássicos de Cícero, Horácio e Virgílio, buscando fundir o erudito e o popular, o particular e o universal, o sagrado e o profano.

Cabe ressaltar, a importância de Luisa Freire, a " Sherazade humilde e analfabeta"³⁹, assim definida por Câmara Cascudo. Luisa trabalhou como serviçal

³⁷ *ibid.*, p. 30-31.

³⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Fundo de Cultura, 1967, p. 18.

³⁹ Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *Trinta estórias brasileiras*. Lisboa: Portucalense Editora, 1955.

para a família de Cascudo por muitos anos. Ao crescer, "ouvindo-a narrar o que lera nos livros eruditos, de [sua] parte assombrado pelos milagres daquela jornada pelos continente e séculos",⁴⁰ o folclorista publicou, em 1959, o livro *Trinta histórias brasileiras*, fazendo uma homenagem a uma mulher de origem simples e com extraordinária memória.

Ainda no que se refere à coexistência da cultura letrada e da cultura popular, Luís da Câmara Cascudo se utilizou das metáforas do basalto e do granito para estabelecer a presença indissociável dos dois saberes, na formação cultural de uma sociedade.

Em qualquer corte geológico encontramos o basalto fundido, inicial, seguindo-se o basalto sólido, o granito subsequente e, ao final, à superfície do solo, os depósitos sedimentares. Esses mitos do pavor constituem o basalto das crenças do povo em qualquer paragem do mundo. No princípio não se explica o fenômeno ameaçador, teme-se. *Timor deorum origo*, de Petrônio, Lucrécio, Estácio. As aquisições sistemáticas, obtidas nos cursos primário, secundário, universitário, funcionam como o granito, a informação orientadora, oficial, comum, indispensável, estabelecendo a unidade regular e normativa da cultura 'nacional'. As leituras, metódicas ou tumultuosas, viagens, intercâmbios, atividades da inteligência individual, as iniciativas mentais, valem os depósitos sedimentares, constantemente resolvidos pela renovação do conhecimento. É o esquema da geologia geral de nossa percepção.⁴¹

Em sua longa trajetória como folclorista e etnógrafo, Luís da Câmara Cascudo percorreu muitos caminhos para "descobrir a alma do Brasil."⁴² Nesta tarefa, o escritor potiguar teve como bússola o estudo da tradição, que segundo ele, é a ciência do povo. A partir deste pensamento, Câmara Cascudo publicou o livro

⁴⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Fundo de Cultura, 1967, p. 59-60.

⁴¹ *ibid.*, p. 125.

⁴² NEVES, Margarida de Souza. Roteiros para descobrir a alma do Brasil: Uma leitura de Luís da Câmara Cascudo. Disponível em: < <http://www.modernosdescobrimientos.inf.br>>. Acesso em : 27 Abr. 2003.

*Tradição, ciência do povo*⁴³, em 1971, quando o autor já havia completado 72 anos bem vividos.

Composta de oito ensaios, a obra reúne o que o povo diz sobre a "Meteorologia tradicional do sertão",⁴⁴ sendo ele quem "guarda e defende sua Ciência tradicional, secular patrimônio onde há elementos de todas as idades e paragens do Mundo".⁴⁵ Além das informações sobre o tempo, Cascudo registrou a simbologia popular atribuída às plantas e recolheu dados sobre os cerimoniais da morte no Brasil. Nos capítulos seguintes, o pesquisador analisou as tradições do mar e dos pescadores, documentou as tradições populares em torno dos quatro elementos da natureza, e para encerrar este estudo, Câmara Cascudo revelou o seu interesse em pesquisar a questão da superstição no Brasil.

A leitura deste livro torna-se básica para aqueles que se propõem a conhecer o universo cascudiano, pois sintetiza o seu ambicioso projeto intelectual no âmbito do folclore nacional. Além de explicitar o seu método ancorado na convivência cotidiana, a obra evidencia a sua expressiva erudição e a importância da Tradição em seus estudos.

No breve prefácio desta obra, Luís da Câmara Cascudo ofereceu pistas para o leitor que encontrará na Tradição, a guardiã fiel das manifestações populares que ao repercutirem o particular, o típico, fazem submergir o universal que embora sedimentado pelo tempo se renova na memória e na imaginação popular.

Para exemplificar como o universal e o particular, a cultura popular e a cultura letrada são indissociáveis, Câmara Cascudo narrou um acontecimento que vivera em 1920, quando ainda era estudante de medicina. Chamado pelo farmacêutico e

⁴³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

⁴⁴ *ibid.*, p. 29.

⁴⁵ *ibid.*

amigo Pedro Medeiros para assistir a um parto, Câmara Cascudo julgou interessante a crença da parteira que advertiu o médico quando este sentou-se e cruzou as pernas: —Descruze as pernas, doutor! Enquanto vossa mercê estiver assim, a criança não faz movimento!"⁴⁶

Interessante foi saber anos mais tarde que esta crença fazia sentido, pois o folclorista lendo *Metamorfoses IX*, de Ovídio descobriu que esta era uma tradição seguida por todas as mulheres da Grécia e da Roma antiga.

2.3 A experiência provinciana

Quando Luís da Câmara Cascudo completou 70 anos de idade e 50 anos de vida dedicada à escrita e à pesquisa folclórica, foi publicada pela Fundação José Augusto um número especial da *Revista Província* em que o próprio Mestre Cascudo, como era conhecido em Natal, escreveu o texto de abertura fazendo um resumo de sua trajetória intelectual:

Nunca pensei em deixar minha terra. (...)
Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço. Percepção medular da contemporaneidade. Nossa casa no Tirol hospedou a Família Imperial e Fabião das Queimadas, cantador que fôra escravo. Intimidade com a velha Silvana, Cebola Quente, alforriada na Abolição. Filho único de chefe político, ninguém acreditava no meu desinteresse eleitoral. Impossível para mim dividir conterrâneos em cores, gestos de dedos, quando a terra é uma unidade com sua gente. Foram os motivos de minha vida expostos em todos os livros. Em outubro de 1968 terei meio século nessa obstinação sentimental. (...)
Fiquei com essa missão. (...)
Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia. Velhas árvores e velhos nomes, imortais na memória.⁴⁷

⁴⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971, p. 149.

⁴⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Um Provinciano Incurável. *Revista Província*, Natal, n.2, p. 5-6, 1998. (reedição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969).

O desejo de "saber a história de todas as cousas do campo e da cidade" transformou-se em missão, em projeto de vida pessoal e intelectual para Luís da Câmara Cascudo que encontrou na experiência vivida no sertão e na província de Natal, e na relação da "convivência humana"⁴⁸ o seu método de trabalho que privilegiava "não bibliotecas, mas convivência."⁴⁹

Encantado pelo passado, aquele capaz de sedimentar "assombrações e mistérios", Câmara Cascudo revelou ser um profundo conhecedor da cultura popular brasileira, pronto a desvendar os mistérios e a registrar histórias que assombraram os gregos e os romanos e permanecem até hoje no imaginário dos meninos do sertão nordestino.

Em muitos de seus escritos folclóricos e etnográficos, Câmara Cascudo expôs o método da convivência como eixo central de suas pesquisas. Escritos estes desenvolvidos, efetivamente, a partir de suas lembranças de infância e maturidade:

Com essas reminiscências quero explicar que não encontrei o folclore nos livros e nas viagens. Não o estudei depois de vê-lo valorizado pelo registo. Encontrava nele as estórias do meu pai e de minha mãe, da velha Bibi, dos pescadores, rendeiras e cantadores, familiares.⁵⁰

No entanto, o escritor recorreu, sempre, aos livros como forma de legitimar o seu estudo: "Aqui deixo uma visão essencial do panorama folclórico brasileiro. Um tanto de cada espécie. O fundamento bibliográfico consta para evidenciar a importância do material exibido."⁵¹

⁴⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968, p. 212.

⁴⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971, p. 10.

⁵⁰ *ibid.*, p. 248.

⁵¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Fundo de Cultura, 1967, p. 249.

Sem afastar-se do material bibliográfico, Luís da Câmara Cascudo construiu uma obra singular baseada numa extensiva coleta de dados recolhidos em suas viagens, na sua correspondência com inúmeros pesquisadores e, sobretudo, a partir "de sua experiência biográfica, reconstruída pela memória."⁵²

Câmara Cascudo valorizou o seu cotidiano provinciano marcado pelo contato com seus familiares e pessoas simples do povo. Desta forma, a província tornou-se uma fonte de autoridade:

Ter permanecido na Província, *provinciano incurável*, dizia-me Afrânio Peixoto, constituiu-me uma fonte de informação, na mesma autoridade das outras, com a vantagem de não poder ser enganado pela imaginação da burla, podendo confrontar as notícias no processo da equivalência.⁵³

Ao assumir a definição de um "provinciano incurável", Luís da Câmara Cascudo se recusou a deixar as margens do Rio Potengi para se instalar em outras capitais do sudeste como Rio de Janeiro e São Paulo. Em sua autobiografia *O tempo e eu: confissões e proposições*, Câmara Cascudo construiu o seu texto a partir de flashes de memória narrados a partir de paisagens e de sua convivência com pessoas durante o "seu percurso de 70 anos, o **Tempo e eu**, andando juntos, inseparáveis, vendo a vida passar com suas multidões."⁵⁴

Afastado dos meios literários dos grandes centros, o professor de História da província de Natal pagou tributo aos seus "exageros do autodidatismo e a

⁵² GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Cotidiano, Corpo e Experiência. Reflexões sobre a Etnografia de Luís da Câmara Cascudo. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n. 28, p. 76, 1999.

⁵³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Fundo de Cultura, 1967, p. 249.

⁵⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968, p. 19.

independência na conceituação específica"⁵⁵ quando decidiu não se alistar "sob qualquer bandeira doutrinária, e tendo para os mestres uma admiração fervorosa que não implica submissão deslumbrada nem preito de obediência"⁵⁶.

Optando por não aderir às correntes de pensamento da época, Câmara Cascudo se viu isolado no processo de mobilização para a institucionalização do folclore brasileiro nas décadas de 40 e 50, tornando-se um pesquisador muitas vezes incompreendido e excêntrico.

No conjunto da sua obra, Luís da Câmara Cascudo transmitiu em várias passagens a construção da sua auto-imagem baseada na autoridade de um incansável pesquisador que pela via da convivência e da experiência vivida recolheu, analisou, estudou e registrou as *Coisas que o povo diz*⁵⁷ como um "ocasional intérprete."⁵⁸

3. "Luís do Coração" e "Mário querido": correspondentes ilustres

Na impossibilidade de ler e analisar toda a vasta produção intelectual do folclorista Luís da Câmara Cascudo, buscou-se nas cartas um caminho revelador e essencial para a compreensão do conjunto da obra do escritor potiguar.

Numa época em que o rádio era um bem imprescindível e a telefonia era muito restrita, a carta era uma forma eficaz de se comunicar com alguém, embora, em tempos virtuais, a carta manuscrita ou datilografada seja vista como parte do passado, pois foi substituída pelo correio eletrônico que envia mensagens em segundos.

⁵⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1973, p. XI.

⁵⁶ *ibid.*

⁵⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Coisas que o povo diz*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968.

⁵⁸ *ibid.*, p. 13.

Para os pesquisadores, as cartas do século passado transformaram-se num documento literário de valor surpreendente porque revelam não só o contexto histórico e cultural de uma época mas também os anseios, as preocupações e os relatos íntimos de uma vida inteira registrada pelo gênero epistolar.

Nesta pesquisa de Mestrado, interessa-nos a correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade, entre os anos de 1924 a 1944, tendo como enfoque principal os estudos folclóricos realizados por estes dois escritores que consideravam o folclore nacional uma via de acesso para conhecer a realidade brasileira.

Cinquenta e seis cartas e dois bilhetes de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo estão transcritos no livro *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*, publicado em 1991, sob a organização de Veríssimo de Melo, escritor natalense e discípulo de Câmara Cascudo.

Já as noventa e três cartas do escritor potiguar para Mário de Andrade estão cuidadosamente arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo, à espera de urgente publicação. Este acervo é restrito à família de Cascudo que não permite acesso ao público.

Desta forma, este capítulo tem como fonte as cartas já publicadas e também as inéditas que puderam ser acessadas através das pesquisadoras Margarida de Souza Neves e Silvia Ilg Byington¹.

É importante registrar, ainda, o trabalho dos pesquisadores Humberto H. de Araújo e Edna Maria Rangel de Sá Gomes² que, no período de 1996 a 1998,

¹ Silvia Ilg Byington apresentou a Dissertação de Mestrado intitulada *Pentimentos Modernistas. As cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio, em 24/02/00, orientada pela professora Margarida de Souza Neves.

² Edna Maria Rangel de Sá Gomes apresentou a Dissertação de Mestrado intitulada *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*, defendida no Programa de Pós-Graduação de Estudos da linguagem (UFRJ), em setembro de 1999.

visitaram a Fundação José de Augusto e o Memorial Câmara Cascudo, em Natal, onde estão os originais das cartas enviadas por Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo; e o IEB, local onde permanecem inéditas as cartas de Luís da Câmara Cascudo enviadas a Mário de Andrade.

Em Natal, estes estudiosos da obra de Luís da Câmara Cascudo encontraram uma pasta com sessenta cartas, em péssimo estado de conservação, e detectaram a necessidade de uma reedição do livro organizado por Veríssimo de Melo, já que existem erros ortográficos e trocas de palavras na compilação das missivas.

A partir da leitura e da análise das cartas não restam dúvidas quanto à relevância da correspondência na trajetória intelectual de Luís da Câmara Cascudo e de Mário de Andrade. Sobre as cartas, o próprio folclorista potiguar afirmou:

"Toda correspondência é importante. A mais banal reflete a normalidade do espírito. Nenhum livro de Machado de Assis, de Flaubert, de Monteiro Lobato constitui depoimento mais relevante do que as cartas particulares."³

Assim, Luís da Câmara Cascudo cultivou intensamente o gênero epistolar e manteve-se em contato com importantes intelectuais do País e do exterior. Juntam-se a Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Nilo Pereira, Cassiano Ricardo e Monteiro Lobato. Em âmbito internacional, trocou cartas com Artur Coelho, em Nova York e Perry Vidal, em Lisboa.⁴

Distante dos grandes centros culturais, Câmara Cascudo "elegeu sua correspondência pessoal como base de dados para suas pesquisas, enquanto fonte dos repertórios documentais".⁵ Com esta iniciativa, Cascudo manteve-se atualizado

³ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 27.

⁴ Ibid., p. 26.

⁵ GICO, Vânia de Vasconcelos. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n. 30, p. 115, 2002.

em relação às publicações, às idéias e às informações que circulavam, principalmente, na capital paulista. A troca de cartas foi também o meio pelo qual o ensaísta enviou seus artigos e livros e recebeu outros tantos que discutiam as diretrizes modernistas.

Se o ainda inexplorado arquivo de cartas de Luís da Câmara Cascudo é um meio relevante para se conhecer o universo cascudiano, o mesmo pode-se afirmar em relação aos estudos sobre Mário de Andrade. Sua produção epistolar é vasta e reveladora do pensamento crítico e estético defendido pelo corifeu do Modernismo brasileiro.

Ao contrário do que se realiza em torno da correspondência de Luís da Câmara Cascudo, muitas séries de cartas de Mário de Andrade já estão publicadas contribuindo para inúmeras pesquisas e descobertas sobre a vida e a obra do escritor paulista que privilegiou o gênero epistolar em suas discussões intelectuais com diversas personalidades.

Sobre a importância da correspondência na vida pessoal e intelectual de Mário de Andrade, o crítico Antonio Candido afirmou:

(...) as cartas são uma peça chave na biobibliografia de qualquer intelectual, escritor ou poeta. Muitas vezes, elas esclarecem pontos e revelam facetas muito mais do que o conjunto de obras publicadas de um escritor.⁶

Para Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade escreveu sobre literatura, poesia, estética modernista, manifestações populares, política e fez comentários sobre sua vida pessoal sempre envolvida com as mais diversas questões acadêmicas.

⁶ Cf. CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

As cartas de Luís da Câmara Cascudo para Mário de Andrade também abordaram grande variedade de temas, desde discussões literárias e opiniões sobre livros até pesquisas folclóricas, além de relatos íntimos de um cotidiano raramente agitado na província de Natal.

Certamente, a correspondência entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo revela caminhos importantes para a compreensão não só de homens comuns mas também de dois intelectuais, que guiados pelo movimento modernista refletiram sobre a formação da identidade brasileira.

Neste sentido, o arquivo de cartas de um escritor seria:

uma espécie de 'mapa' ou 'radiografia' de sua vida íntima e intelectual, onde perceberíamos não só o seu processo de criação e a sua poética, mas até mesmo os planos e intenções de obras nunca realizadas.⁷

3.1 Afinidades intelectuais: Modernismo e folclore

Em resposta a um artigo⁸ publicado por Luís da Câmara Cascudo, no Jornal de Natal *A Imprensa*, Mário de Andrade agradeceu os elogios recebidos e afirmou o seu entusiasmo em relação ao estilo vivo e renovador do crítico potiguar. Nesta breve carta, escrita em 14 de agosto de 1924, o poeta e crítico paulista demonstrou interesse pelos escritos de Câmara Cascudo e assim teve início um significativo intercâmbio de idéias.

A primeira carta de Cascudo tratou de retribuir a cordialidade do escritor paulista:

⁷ GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Arquivo confidencial. In. ARAÚJO, Humberto H. de.(org.). *Histórias de Letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001, p. 110.

⁸ O artigo “*O Senhor Mário de Andrade*” foi publicado no dia 11 de junho de 1924.

Ser seu admirador é hoje um lugar comum. Muito me julgarei célebre se souber de sua opinião sobre os meus livros. (...) Aqui estou as suas ordens, meu caro amigo. Muito me julgarei honrado merecendo uma ordem sua.⁹

Neste trecho, Luís da Câmara Cascudo colocou-se numa posição de certa inferioridade diante do já renomado crítico paulista, no entanto esta situação logo foi substituída por uma intensa troca de informações e um forte elo de amizade.

Acerca deste contato inicial entre os dois escritores, a pesquisadora Silvia Ilg Byington afirma que:

O primeiro movimento de aproximação entre Mário e Cascudo foi pela via da crítica, da mútua admiração intelectual que teve como referência o projeto de renovação literária modernista. Este primeiro reconhecimento se deu no terreno das experiências e projetos literários gerados pelas diferentes apropriações feitas das bandeiras modernistas e que marcaram suas produções neste período e posteriormente: temática nacional, liberdade de estilo na incorporação da língua falada brasileira e sua recriação como linguagem literária, e ainda o projeto de criação de compêndios, obras repositórias da *autêntica* tradição cultural brasileira.¹⁰

Neste período, Mário de Andrade elaborava o livro *Clã do Jaboti*, uma coletânea de poemas que buscava retratar o Brasil através da literatura popular. O desejo de compreender as "coisas do povo" propiciou-lhe um mergulho no estudo do folclore brasileiro através de pesquisas feitas durante suas viagens ao Norte e ao Nordeste do País, além das leituras de diversos artigos de folcloristas, de etnógrafos e de sociólogos.

No livro *Mário de Andrade: Ramais e Caminho*, a pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez realizou um estudo sobre a trajetória de Mário de Andrade no campo

⁹ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 25 de agosto de 1924. MA-C-CPL-1768. IEB-USP.

¹⁰ BYINGTON, Silvia Ilg. *Pentimentos Modernistas. As cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 2000. Dissertação de Mestrado em História - Departamento de História, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2000, p. 35.

da literatura popular e apontou aspectos fundamentais que marcaram os caminhos do escritor no estudo folclórico como a colheita e a sistematização de dados, que levaram o escritor a uma reflexão e a uma recriação das composições populares em romances, contos e poemas.

Movido pelo espírito modernista que carregava em sua essência o desejo de independência artística, social e econômica, Mário de Andrade buscou no estudo da literatura popular a possibilidade de conhecer a realidade e as tradições do povo brasileiro. Assim, o estudo do folclore representou na obra de Mário de Andrade uma compreensão:

(...) do contexto nacional pois ele lhe oferece os pontos-chaves de medida do povo, como expressão autêntica do seu país: reações de caráter ético-religioso, crítico e afetivo. O conjunto desses elementos proporcionaria a visão global do substrato nacional e, conseqüentemente, os pontos válidos da cultura brasileira a serem explorados e difundidos nacionalmente. O desenvolvimento desses aspectos visava a construção de um dique capaz de deter a importação de soluções estéticas artificiais, as quais, ainda que usadas inconscientemente, afastavam o Brasil de seu autoconhecimento.¹¹

Entre envios de livros e artigos, trocas de informações sobre o folclore nacional, Mário de Andrade e Câmara Cascudo também passaram a discutir através das cartas os rumos que o movimento modernista tomava. Em sua segunda carta, em setembro de 1924, Mário elogiou a linguagem direta e simples que Cascudo apresentava nos seus escritos.

Afinado com os ideais modernistas, Luís da Câmara Cascudo manteve contato com diversos intelectuais e se transformou, na década de 20, no mais importante divulgador do Modernismo em Natal e em todo Nordeste. Fonte de

¹¹ LOPEZ, Telê porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminho*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972, p. 125.

leituras não faltaram para isto. Câmara Cascudo afirmou ter "lido, trelido e quase decorado"¹² os livros *Paulicéia Desvairada* e *A escrava que não é Isaura*, publicados por Mário de Andrade em 1922 e 1925, respectivamente.

O final da terceira carta de Mário, escrita em junho de 1925, evidenciou a primeira referência do autor em relação às pesquisas que Cascudo fazia sobre o Folclore: "Gostei de saber que você (você tu) está folclorizando. Isso mesmo. Trabalhe e mande as coisas que fizer."¹³

Provavelmente, o entusiasmo de Mário de Andrade nesta carta refere-se ao fato de Luís da Câmara Cascudo estar elaborando o Livro *Lendas e Tradições*¹⁴, que serviu de fonte de pesquisa para a publicação de vários títulos como *Literatura Oral*, *Tradições Populares da Pecuária Nordestina*, *Contos Tradicionais do Brasil* e outros.

Para esclarecer dúvidas de Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo enviava freqüentemente informações sobre regionalismos e expressões populares, além de comentar sobre seus estudos folclóricos. Na época, Câmara Cascudo também busca publicar ensaios de cunho histórico e até religiosos, escritos sob encomendas oficiais.

Neste momento, é possível supor que Mário de Andrade estivesse fazendo leituras de Sílvio Romero, Pereira da Costa, Mello Moraes e Couto Magalhães. Estes autores apenas divulgavam o folclore brasileiro sem analisá-lo e compará-lo com o de outros povos. O crítico paulista também estudava e anotava dados registrados

¹² Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 19 de maio de 1925. MA-C-CPL-1770. IEB-USP.

¹³ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 37.

¹⁴ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 22 de agosto de 1925. MA-C-CPL-1776. IEB-USP.

por pesquisadores como Koch-Grünberg e Von den Steinen, buscando formar uma base científica para as suas análises.

Vale ressaltar que após a leitura de *Vom Roraima Zum Orinoco*, de Theodor Koch-Grünberg, Mário de Andrade tomou contato com lendas ameríndias. Para Telê Porto Ancona Lopez é evidente a influência do material folclórico na construção do romance *Macunaíma*.

Nas lendas sobressai o personagem Macunaíma, deus e herói civilizador, contraditório, irreverente, preguiçoso e sensual. Identifica-o então com o comportamento do povo brasileiro e entusiasmado, transfere as peripécias do herói para um romance, culto, mas estruturalmente fiel ao romance popular. Resulta uma rapsódia que acompanha as vicissitudes, não de um herói, mas de um anti-herói, através da narração poética.

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter pode ser utilizado como testemunho da formação folclórico-etnográfica de Mário de Andrade até 1927, quando conclui o texto.¹⁵

As pesquisas sobre o folclore nacional tinham espaço sempre privilegiado nas conversas entre os dois intelectuais:

Luís do Coração.

(...) Recebi os índices. Também me puseram água no bico. Confesso que o livro *Lendas e Tradições* me interessa mais porque me afeta nos meus assuntos e preocupações mais que os outros. Porém que venham estes e os devorarei. Não tenho nenhuma autoridade nem sabença em nenhum dos assuntos pra dar parecer. Digo só que são interessantíssimos.¹⁶

Mário de Andrade

(...) Eu tenho (pronto a quinze meses) um livro de contos do sertão. Estou balançando a cabeça feito lagartixa entre estes dois nomes — *Vaqueiros e Cantadores* e *Sertão de Inverno*. Que acha V.?¹⁷

¹⁵ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminho*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972, p. 79.

¹⁶ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 38 e 39.

¹⁷ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 30 de dezembro de 1925. MA-C-CPL-1782. IEB-USP.

Contos do sertão só veio a ser publicado em 1939, sob o título de *Vaqueiros e Cantadores* e representou a primeira publicação de Luís da Câmara Cascudo acerca dos estudos folclóricos no Brasil.

"Luís do Coração". Assim Mário de Andrade iniciou a quarta carta (06/09/1925). A partir deste vocativo é possível perceber o elo de amizade e de intimidade que unia os dois escritores. A formalidade das cartas anteriores foi substituída por despedidas mais carinhosas: "Te abraço", "Sodade comprida do (a) M." Retribuindo o afeto, Câmara Cascudo se despedia de forma bem peculiar: "Grande abraço, meu amigo, grande abraço. E se V. estiver com a cara limpa um beijo também."¹⁸

Em resposta a um convite de Luís da Câmara Cascudo para participar do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, Mário de Andrade expôs sua opinião sobre tal evento que ocorreu apenas em 1928, em Recife, sob a organização de Gilberto Freyre.

O tal Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo. Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia da nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado. Além disso fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades salientando não propriamente o caráter individual psicológico duma raça porém os seus dados exóticos. Pode-se dizer que exóticos até dentro do próprio país, não acha? É certo no entanto que regionalismo bem entendido traz benefício grande sobre o ponto-de-vista da própria discriminação dos caracteres gerais psicológicos e outros dum povo.¹⁹

Preocupado com as especificidades locais que o regionalismo priorizava, Mário de Andrade advertiu sobre a ilusão que esta vertente poderia gerar quanto à caracterização nacional. Neste sentido, o regionalismo podia ter um efeito nocivo ao

¹⁸ Ibid.

¹⁹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 39.

seu projeto que buscava realizar uma pesquisa profunda da realidade brasileira visando ao nacionalismo crítico como meio de conhecimento da cultura brasileira.

Ao contrário de Mário de Andrade que intencionava chegar ao universalismo através do nacionalismo crítico; Câmara Cascudo apostou no regionalismo embora pesquisasse o elemento universal que permanecia como essencial naquilo que era local.

Outro ponto de discordância entre os dois críticos refere-se ao cuidado com a escrita. Na quinta carta (04/10/1925), Mário de Andrade chamou a atenção para a falta de ritmo dos poemas e do mau efeito que uma expressão podia causar justamente pela ausência de uma revisão. Fazer observações quanto à qualidade artística dos poemas do crítico potiguar era visto com certa naturalidade por Mário de Andrade pois era comum a ocorrência deste fato com outros correspondentes.

(...) si você os lesse em voz alta e se preocupasse um pouco mais com a ritmica (veja bem que não falo métrica) creio que você mesmo corrigiria.(...)

Não zangue não de eu estar propondo mudanças no poema que é seu. O Manuel e Drummond e uma porrada de outros amigos fazem isso comigo e eu com eles sem nenhuma cerimônia. É lógico que nenhum tem obrigação de aceitar tudo o que os outros propõem. O certo é que eu mesmo devo muito pra eles principalmente Manuel, que me querendo muito bem é absolutamente impiedoso comigo, não deixa passar nada. Assim também faço com você. Prova de amizade que não obriga você a coisa nenhuma, está visto. E que só serve pra gente ir ficando cada vez mais cutuba e distorcido na arte que escolheu, não acha? Refletir nunca fez mal a ninguém.(...)²⁰

Em 1926, a correspondência entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo se intensificou. No geral, o envio de artigos, de revistas e de livros continuou de forma significativa, propiciando aos dois correspondentes uma atualização sobre os assuntos discutidos na metrópole de São Paulo e na

²⁰ Ibid., p. 42; 44; 45.

"província" de Natal. Neste período, Mário também insistia em receber os poemas de seu amigo, que teve suas poesias publicadas de forma esparsa sem publicar nenhum livro do gênero.

Luís da Câmara Cascudo, poeta bissexto, teve os poemas "Kakemono" e "Shimmy" publicados por Joaquim Inosoja, no *Jornal do Commercio*, em 1925. No mesmo ano, Câmara Cascudo enviou para Mário de Andrade três poemas apenas identificados pelos números 1, 2 e 3 e solicitou ao crítico paulista que os nomeasse.

O desejo de conhecer Natal e de receber "informações sobre gente do norte" também é enfatizado por Mário de Andrade que nesta época vivia um ritmo acelerado de trabalho mas já planejava uma visita ao "Príncipe do Tirol."

É também no ano de 1926 que Mário de Andrade publicou o livro *Clã do Jaboti*, a partir do qual já se pode perceber o seu domínio de uma fonte expressiva de informações sobre as tradições brasileiras adquiridas através da coleta de documentos folclóricos. Somente em fevereiro de 1928, Câmara Cascudo fez a leitura deste livro e pareceu entender perfeitamente a intenção do amigo Mário:

Clã do Jaboti é o seu melhor livro de poemas. Como brasilidade pura e sensível. Não sendo livro de tese nem de pessoismo estético (Lozango cáqui e neste Clã os poemas das pag. 37 e 93). Clã é bandeira de tribu(sic). Cada um encontra cheiros da terra conhecida. V. foi feliz no título. É livro de Clã. Clã dos Estados brasileiros. O espírito brasileiro é, em V., milagroso de compreensão e de adaptamento.²¹

3.2 Dois turistas e um desejo

Motivado pelo interesse em conhecer a realidade brasileira, Mário de Andrade decidiu empreender algumas viagens pelo País. A primeira delas, em 1924, teve

²¹ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 02 de fevereiro de 1928. MA-C-CPL-1793. IEB-USP

como destino Minas Gerais; depois em 1927, seguiu pelo Norte do Brasil passando por Peru e Bolívia.

Desta segunda experiência, Mário de Andrade recolheu diversas informações folclóricas e teve a oportunidade de ampliar a sua visão crítica sobre o homem brasileiro. Na carta de março de 1927, Mário anunciou ao correspondente potiguar que escreveu o romance *Macunaíma* e expôs a sua intenção ao elaborar esta obra:

Aproveitar no máximo possível lendas tradições costumes frases feitas etc. brasileiros. E tudo debaixo dum caráter sempre lendário porém com lenda de índio e de negro.(...)
Um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abrasileirar e trabalhar material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e exotizar pro resto do Brasil. Assim lendas do norte botei no sul, misturo palavras gauchas com modismos nordestinos ponho plantas do sul no norte e animais do norte no sul etc. Enfim é um livro bem tendenciosamente brasileiro.²²

Pouco mais de um ano depois, Câmara Cascudo escreveu ao amigo expondo suas impressões acerca de *Macunaíma*.

Mario de Andrade
Querido amigo.
Em Natal não pude ler *Macunaíma*. Li, verdade seja, trechos às pressas. O bastante para dizer que V. pode fechar o jiro(sic) brasileiro. Porque todo Brasil está ali. Vou aos poucos lendo os registros sobre o livro. (...) *Macunaíma* é revisão do Brasileiro. (...) O que ataranta é o linguajar brasileiro. E a mistura que V. fez de temas. A mistura deu o retrato dos instintos.²³

A perspectiva de síntese cultural como base constitutiva da autêntica brasilidade também pode ser apreciada no poema *Lundu do escritor difícil*, publicado por Mário de Andrade, no livro *Clã do Jaboti*.

²² ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 75.

²³ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 01 de outubro de 1928. MA-C-CPL-1795. IEB-USP.

Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquisila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar numa vez:
É só tirar a cortina
Que entra luz nesta escurez.
(...)
Misturo tudo num saco,
Mas gaúcho maranhense
Que pára no Mato Grosso,
Bate este angu de caroço
Ver sopa de caruru;
A vida é mesmo um buraco,
Bobo é quem não é tatu!

Eu sou um escritor difícil,
Porém culpa de quem é!...
Todo difícil é fácil,
Abasta a gente saber.
Bagé, piché, chué, ôh "xavié",
De tão fácil virou fóssil,
O difícil é aprender!

Virtude de urubutinga
De enxergar tudo de longe!
Não carece vestir tanga
Pra penetrar meu cassange!
Você sabe o francês "singé"
Mas não sabe o que é guariba?
—Pois é macaco, seu mano,
que só sabe o que é da estranja.²⁴

No retorno da viagem pelo Rio Amazonas, Mário de Andrade finalmente realizou o desejo de conhecer pessoalmente a cidade de Natal e o amigo Luís da Câmara Cascudo, além de Ascenso Ferreira e Joaquim Inojosa. Neste momento os laços de amizade entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo solidificaram-se depois da acolhida calorosa que recebeu de toda a família Cascudo.

Em janeiro de 1928, Câmara Cascudo ainda dividia o seu tempo com o curso de Direito em Recife mas não deixou de convidar Mário de Andrade para visitar a Chácara do Tirol, residência do escritor potiguar. "Comece a pensar em vir este ano

²⁴ ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993, p. 306-307.

para aqui. Desta vez sem roteiro nem Kodak. Traga olhos e ouvidos. E prepare-se."²⁵

O convite foi aceito e Mário de Andrade concretizou mais uma viagem. Entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929, visitou Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba. Foi hóspede mais uma vez de “Casquinho” e durante quarenta dias pôde recolher uma quantidade significativa de documentos sobre as danças dramáticas da região, a religiosidade popular, o catimbó, além de ampliar a sua pesquisa musical.

Ávidos por conhecer a autêntica tradição cultural brasileira, Mário e Cascudo percorreram juntos diversos caminhos do sertão nordestino, registrando um conjunto expressivo de manifestações populares, sempre na intenção de desvendar segredos que pudessem caracterizar os hábitos e costumes da nação brasileira; valorizando os elementos regionais, no caso de Câmara Cascudo; ou buscando a síntese cultural, no caso de Mário de Andrade.

Certamente, a pesquisa etnográfica e antropológica do homem brasileiro bem como a valorização das manifestações populares se constituíram num ponto de aproximação entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo, dois intelectuais integrantes da geração modernista, que escolheram o estudo da cultura popular como um dos caminhos para o conhecimento do povo brasileiro.

As duas viagens feitas por Mário de Andrade contribuíram para o estudo sobre o fenômeno folclórico e resultaram na escrita de duas séries de crônicas intituladas *O turista aprendiz* que o jornal *Diário Nacional* publicou entre 1928 e 1929, sendo mais tarde reunidas num livro de mesmo título.

²⁵ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 01 de janeiro de 1928. MA-C-CPL-1792. IEB-USP.

A viagem "etnográfica" ao Nordeste foi um marco na trajetória do pesquisador Mário de Andrade cuja intenção era tomar "(...) o folclore e a cultura popular como instrumentação para seu conhecimento do povo brasileiro".²⁶ Neste sentido, Mário de Andrade se afastou de uma postura elitista que atribuía aos estudos folclóricos um caráter exótico e pitoresco.

Ele deixou a região com a intenção de publicar obras-monumento como a *Enciclopédia Brasileira* e *Na pancada do Ganzá*, projeto este de caráter etnográfico elaborado durante anos, nas décadas de 30 e 40, mas que nunca foi concluído.

Somente parte deste material foi organizado e publicado, postumamente, pela pesquisadora Oneyda Alvarenga sob os títulos de *Danças dramáticas do Brasil*, *Música de feitiçaria no Brasil*, *Os cocos*, *As melodias do boi e outras peças* e *Dicionário musical brasileiro*.

Luís da Câmara Cascudo também resolveu divulgar suas anotações de viagens numa série de seis crônicas intituladas *Diário dos 1104Km*, publicadas no Jornal natalense *A República*, entre janeiro e fevereiro de 1929.

3.3 Compadres entre críticas e desabafos

Espero um filho que se chamará Fernando Luís e que Mário de Andrade levará para o senhor Bispo passar os santos óleos da crisma. Desta forma rendo [?] V. a uma entidade viva e humana, afora Macunaíma-o-eterno.²⁷

Na década de 30, a correspondência entre os escritores foi iniciada com um convite que Câmara Cascudo fez a Mário de Andrade para batizar seu primeiro filho,

²⁶ LOPEZ, Telê Porto Ancona. "Viagens etnográficas" de Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976, p.15.

²⁷ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 07 de janeiro de 1931. MA-C-CPL-1809. IEB-USP.

Fernando Luís. Comovido com a homenagem, Mário aceitou o pedido tornando-se “compadre” de Cascudo. O entusiasmado padrinho passou a enviar constantemente lembranças ao afilhado e sempre pedia fotos do menino. No entanto, a promessa de batizá-lo não se realizou pois não mais voltou à Natal, embora tenha recebido insistentes "convocações" do amigo potiguar.

As conversas sobre o rumo político predominaram nas cartas enviadas nos anos 30. Neste período, tornou-se evidente a angústia de Mário de Andrade vivenciada durante a Revolução de 30.

Assim eu com esta revolução. Primeiro foram as tristezas do abatimento, nesta cidade envergonhada que era foco do perrepismo, você sabe. Meu mano preso, inquietação nas mulheres que apesar de enérgicas não chorando, bem mostravam pela largura dos olhos o terror que ia por dentro e os pasmos da irresolução.²⁸

Em carta de 01/03/1935, Mário de Andrade, em tom irônico, fez referência à ligação de Luís da Câmara Cascudo à Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada por Plínio Salgado e Gustavo Barroso, em 1932.

Meu querido Cascudinho,
então não se escreve mais pra este polista com saudade? Nem ao menos você está carecendo aí de algum livro hitlerofachiaticocamisaverdico pra mandar pedir e eu ter o gosto de receber letra sua! Será que nem para isso o Fachismo serve mais!²⁹

Sobre esta afinidade de Câmara Cascudo com os ideais integralistas não há muitos estudos, sabe-se, por exemplo, que o escritor potiguar não se sentia à vontade para falar deste assunto. Em resposta a esta carta, Cascudo iniciou com a

²⁸ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 100.

²⁹ *Ibid.*, p. 136.

saudação "polista marista, anauê!" mas não respondeu a colocação do amigo e desviou o assunto ao fazer um pedido no mínimo curioso ao crítico paulista:

Chegando aqui encontrei uma carta aérea de papai pedindo sementes de verduras e hortaliças paulistanas. Não posso, senhor diretor, satisfazer ao meu querido papai e requeiro que você me acuda na emergência, mandando, diretamente para Natal, sementes de chuchu, pepino, couve flor, pimentão grande (verde, vermelho, amarelo) e demais excelências da horta (sem alegria).³⁰

Também no ano de 1935, Mário de Andrade foi nomeado Diretor do Departamento de Cultura e Recreação de São Paulo. Assim, o professor de música e crítico literário passou a se envolver com problemas burocráticos e administrativos que a nova função exigia, mas também se entusiasmou com a possibilidade de valorizar e divulgar a cultura brasileira.

A partir desta função, a pesquisa no campo do folclore ganhou novo fôlego. Foi justamente entre 1934 e 1938 que Mário de Andrade intensificou a sua produção artística e sistematizou as suas inúmeras pesquisas sobre o folclore Nacional. Em 1937, participou do Congresso da Língua Nacional Cantada, não deixando de informar seu amigo potiguar sobre a importância deste evento.

Durante toda a década de 30, a carta mais importante que Mário de Andrade escreveu para Luís da Câmara Cascudo foi a do dia nove de julho de 1937. Segundo o pesquisador Veríssimo de Melo, esta carta teria contribuído para uma "influência decisiva" nos estudos folclóricos de Luís da Câmara Cascudo. Assim ela começa:

Cascudinho

Sua carta me deixou numa aflição horrível. Você ter me vindo pedir qualquer serviço pra ganhar me doeu completamente porquê sei

³⁰ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 04 de maio de 1935. MA-C-CPL-1835. IEB-USP.

you would not do this if you were not in a tight spot. You were always, among the friends I have here, one of the few who, not being rich, never asked for anything. Besides, the very tone of your letter, a seriousness of concern, would have made me stop.³¹

This passage alludes to the financial problem through which Cascudo passed after the bankruptcy and death of his father. Upon learning of the precarious situation in which he found himself, the friend, Mário used all his influence to secure commissions for articles in newspapers and magazines in the capital of São Paulo.

In this correspondence, Mário de Andrade emphasized the importance of Câmara Cascudo writing more about Brazilian folklore and took advantage to make criticisms of the articles that Cascudo produced.

I generally do not like to be blunt, and now I regret saying so. You should have noticed that I never let myself get carried away when talking about your work. My letters, in this sense, were always somewhat reserved, and yet, I never existed when I urged you to work and leave behind me subjects in which you could produce works of real value. Why not? I would have been completely frank? My God! I don't know... A little tired, a little afraid of hurting you with a word, perhaps I was wrong. But I never let myself consider the value of you and your intelligence. My conviction is that you are worth much more than what you have already produced...³²

For Mário de Andrade, there were basically two errors produced by the writer from Potiguar: the lack of patience to make a revision of the texts and the choice of topics that almost always presented a poor bibliography and received from the writer from Potiguar an attention unnecessary as, for example, the monographs about Conde d'Eu and Gastão D'Orleans.

Mário de Andrade also pointed out the flaws in his study about

³¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 146.

³² *Ibid.*, p. 147.

Etnografia que necessitava de paciência, comparação, análise e aprofundamento em variadas leituras. O crítico paulista exemplificou que mesmo depois de oito anos de pesquisa, ainda não tinha concluído a escrita do livro *Música dos Brasis* pois não possuía toda a documentação necessária para publicá-lo.

Em relação ao "descomedimento" de Câmara Cascudo em pesquisar e escrever sobre certo "príncipe vazio"³³, Mário de Andrade utilizou toda a sua franqueza para questionar a validade dos trabalhos históricos que Cascudo vinha escrevendo até 1937, e o aconselhou a voltar-se para o estudo do folclore de forma mais científica e acadêmica, preocupando-se com a apresentação de informações sobre a origem dos dados e como estes foram coletados.

(...) Fiquei num tal estado de irritação pela sua falta de paciência e leviandade de colheita de documentação, que disse palavras duras, te esculhambei mesmo, pra um amigo comum que também quer muito bem a você, o Luis Saiá. Ele que está se metendo também em folclore (científico, sério, pertencente ao grupinho de pesquisadores que estou formando aqui, com o Curso de Etnografia e agora com a Sociedade de Etnografia e Folclore) ele concordou logo com o jeito anticientífico do estudo de você, a ausência de dados sobre como foram colhidos os dados, de quem etc. (...)³⁴

Em tom professoral e apelativo, Mário de Andrade insistiu para que Luís da Câmara Cascudo abandonasse o "ânimo burocrático" que o envolvia e se dedicasse com afinco aos estudos folclóricos pois certamente contribuiria mais para a cultura brasileira.

(...) Você tem a riqueza folclórica aí passando na rua a qualquer hora. Você tem todos os seus conhecidos e amigos do seu Estado e Nordeste pra pedir informações. Você precisa um bocado mais descer dessa rede em que você passa o tempo inteiro lendo até dormir. Não faça escritos ao vai-vem da rede, faça escritos caídos das bocas e dos hábitos que você foi buscar na casa, no mucambo, no antro, na festança, na plantação, no cais, no boteco do povo.

³³ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991, p. 147.

³⁴ *ibid.*, p 149.

Abandone esse ânimo burocrático que você tem e enfim jogue todas as cartas na mesa, as cartas do seu valor pessoal que conheço e afixo, em estudos mais necessários e profundos.(...)³⁵

Em menos de dez dias, Mário de Andrade recebeu a resposta de um Cascudo visivelmente abalado:

Restituído a calma, lealmente, não sou capaz de escrever coisa alguma depois de sua carta. Nem para o 'Estado de São Paulo' nem para a 'revista'. É uma situação inteiramente nova para mim e careço de tempos para voltar a tona e consertar a respiração. Venho pedir-lhe, uma confissão ultra-amistosa, para desobrigar-me do que é para mim materialmente intransponível. Saiu um termo besta mas não tenho outro. Também ir defender meus livros seria auto elogio e não tenho vaidade deste tamanho. Melhor calar. Tenho a impressão de que você sempre me teve como força em potencial, uma grandeza *in being*.³⁶

É provável que o desabafo e as críticas de Mário de Andrade tenham estremecido, num primeiro momento, a relação entre os dois escritores, mas certamente serviram de estímulo e de reflexão para Luís da Câmara Cascudo investir mais no estudo das tradições populares.

Ainda fazendo alusão à carta "desaforada e fraternal" de Mário de Andrade, Câmara Cascudo noticiou ao amigo, em 11/12/37, a finalização de uma importante obra:

Meu livro sobre a poética tradicional está pronto e cresceu como músculo uterino. Chama-se VAQUEIROS E CANTADORES e sairá pela Globo, na coleção que o Josué de Castro dirige."³⁷

³⁵ Ibid.

³⁶ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 18 de junho de 1937. MA-C-CPL-1842A. IEB-USP.

³⁷ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 11 de dezembro de 1937. MA-C-CPL-1844. IEB-USP.

O livro *Vaqueiros e Cantadores certamente* serviu de base para a elaboração da obra mais conhecida de Luís da Câmara Cascudo: o *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Em nota da sua primeira edição, Câmara Cascudo expôs a metodologia utilizada na elaboração de seu mais monumental projeto. Neste sentido, nota-se a influência de Mário de Andrade quanto à necessidade de coletar e confrontar dados, além de analisar e registrar as suas fontes originais.

As três fases do estudo folclórico — colheita, confronto e pesquisa de origem — reuni-as quase sempre como forma normativa dos verbetes. Procurei registrar bibliografia e também assinalar a possível fonte criadora. Não haverá nada de mais discutível que este debate erudito de origem, mas era indispensável mencionar sua existência, para que a fixação passasse além do pitoresco e do matutismo regional.³⁸

É importante registrar que a influência de Mário de Andrade atuou de forma mais expressiva na sistematização das pesquisas folclóricas realizadas por Câmara Cascudo, e não como orientação decisiva apontada por Veríssimo de Melo.

No artigo *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar*,³⁹ a pesquisadora Vânia Gico considera a "influência decisiva" de Mário de Andrade um tanto quanto relativa pois o interesse de Câmara Cascudo pelo folclore nacional teria surgido antes da amizade entre os dois escritores. Segundo o próprio Luís da Câmara Cascudo, a paixão pela cultura popular teria surgido em 1918 devido a sua experiência vivida no sertão nordestino.

Vânia Gico⁴⁰ ratifica sua posição através da afirmação de Édison Carneiro, registrada no artigo *Dinâmica do Folclore*, de que Mário de Andrade teria ampliado a sua pesquisa sobre o folclore nordestino, a partir de contribuições de Luís da

³⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001, p. XXVI.

³⁹ GICO, Vânia de Vasconcelos. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n. 30, 2002.

⁴⁰ Vânia de Vasconcelos Gico é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e é autora da tese *Luís da Câmara Cascudo: itinerário de um pensador*, apresentada na PUC de São Paulo.

Câmara Cascudo que ocupou grande parte de seu tempo em documentar as mais variadas manifestações populares do Brasil.

A opinião de Édison Carneiro também é compartilhada por Américo de Oliveira Costa que enfatizou, no livro *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*, o entusiasmo de Mário de Andrade quando o livro *Vaqueiros e Cantadores* foi publicado, pois, segundo Mário de Andrade, até aquele momento " o folclore de qualidade verdadeiramente científica era de produção miserável."⁴¹

Após longa trajetória de pesquisas, análises e comparações, Mário de Andrade chegou, em 1938, a uma maturidade do conhecimento folclórico. Neste ano, o escritor organizou a *Bibliografia Básica Brasileira de Folclore e Etnografia*. Nesta obra, verificou-se:

o entrelaçamento dos estudos de Etnografia, Antropologia, História, Sociologia, Literatura e Folclore, deixando clara a sua posição de que o Folclore deve ser estudado no conjunto da cultura brasileira e não como fenômeno isolado.⁴²

As cartas rareiam a partir de 1938, talvez porque se perderam ou não foram escritas. 1939 é um ano silenciado. Na penúltima carta, em 1941, o autor de *Macunaíma* registrou a sua felicidade em saber que havia se tornado sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Folclore (SBF), idealizada e fundada por Luís da Câmara Cascudo.

Os ideais desta Sociedade se espalharam por quase todos os estados brasileiros. Para Câmara Cascudo, cabia a Mário de Andrade a tarefa de fundar o "Club Paulista de Folclore":

⁴¹ COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*. Natal: Fundação José Augusto, 1969, p. 73.

⁴² LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminho*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972, p. 103.

Mario velho.

Não se discute. Funde o Club Pulista de Folclore aí em sua casa, no estilo da SBF, conversa, plano, gratuidade e trabalho pegando de galho. Funde e avise para ficarmos misturados com toda essa gente derramada pelo Brasil. Não há explicação para São Paulo não ter sua voz gritante e influente. E logo V. fixado na Paulicéia... Funde o Club, homem de Deus.⁴³

A fundação da SBF foi uma entre muitas iniciativas de Luís da Câmara Cascudo em torno do estudo e da divulgação do folclore brasileiro. As cartas da década de 40 revelam um Cascudo bastante envolvido e entusiasmado em registrar e preservar a tradição popular.

O escritor potiguar também apostou na publicação de escritos que há muito aguardavam em gavetas. Em dezembro de 1941, Câmara Cascudo anunciou a edição de *Geografia dos mitos brasileiros*:

Mario

Aí junto encontrará V. cópia dos 'animais fabulosos do norte', publicado em 1921, há 21 anos... Não tive tempo para reler e atualizar esse trabalhinho de outrora, apenas denunciando minha velha dedicação ao Folclore.

Entreguei ao editor José Olimpino o GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS onde os bichos fabulosos tiveram campo bastante para escaramuças e bramir. Nem queira V. saber o número recenseado, com depoimentos, cotejos, etc.⁴⁴

Ao contrário do vigor de Câmara Cascudo, Mário de Andrade mostrava-se desanimado e melancólico diante da vida. Provavelmente estes sentimentos são resultado da desilusão vivida pelo escritor paulista quando foi obrigado a deixar o cargo de Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo.

⁴³ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 10 de dezembro de 1941. MA-C-CPL-1852. IEB-USP.

⁴⁴ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 13 de agosto de 1942. MA-C-CPL-1854. IEB-USP.

O abatimento de Mário de Andrade se contrastava com o fortalecimento de Luís da Câmara Cascudo que recuperava a sua situação financeira e seu prestígio político, além de transformar-se numa referência para os estudos folclóricos no Brasil.

Mais confiante em seus estudos, Câmara Cascudo reafirmou, na carta de 22/02/44, a monotonia presente no canto sertanejo, fato contestado por Mário de Andrade. O escritor potiguar enumerou diversos argumentos para reforçar a sua tese e finalizou esta correspondência assumindo o seu objetivo enquanto pesquisador.

Imagino como deverei ser enxergado por quem não terá autoridade, interesse, e honestidade como você possui... Fiquei e ficarei aqui justamente cascavilhando e anotando toda essa literatura oral, renunciando a tudo que uma ambição humana e idiota podesse(sic) coçar a imaginação, pensando reunir e salvar da colaboração deformadora o que será deformado pelo tempo.⁴⁵

Em uma de suas últimas cartas, Luís da Câmara Cascudo demonstrou afinidade teórica em relação à Mário de Andrade mas também maturidade ao afirmar sua independência na forma de pensar e de escrever, além da escolha de temas, fato que pode ser comprovado se observarmos a sua longa produção intelectual com a permanência de textos de cunho histórico, político e biográfico.

Naturalmente não somos padre e sacristão para viver rosnando 'amém' quando o outro diz qualquer coisa. Mas o resto é inoperante. Para os Estados Unidos já escrevi seu nome umas 30 vezes em lugar do meu. Perguntam coisas do Folk-Lore Musical, alheio ao geral e sim as características, aos elementos típicos, às constantes e vou dizendo que você é o Macunaíma de sempre. Anteontem fiz o mesmo para um cara de New York que pedia bibliografia musical.⁴⁶

⁴⁵ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 22 de fevereiro de 1944. MA-C-CPL-1857. IEB-USP.

⁴⁶ Carta manuscrita de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade, datada de 29 de fevereiro de 1944. MA-C-CPL-1858. IEB-USP.

"Casquinho, meu amigo velho". Assim, Mário iniciou a sua última carta, em janeiro de 1943. Talvez sem imaginar que esta seria uma despedida, Mário expressou todo o seu carinho pelo amigo e em especial por Fernando Luís que já havia completado 12 anos e tinha sido também personagem de uma profunda e cordial amizade alimentada por elogios, discordâncias, colaborações, críticas, influências, alegrias, tristezas, vida, enfim.

Por duas décadas, Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo cultivaram o gênero epistolar e registraram importantes momentos de suas trajetórias no campo acadêmico e pessoal, tornando evidente uma cooperação intelectual entre dois escritores que desempenharam um papel de destaque no estudo e na divulgação da cultura brasileira.

Conclusão

Em entrevista ao Jornal *Folha de S.Paulo*, em 1979, o escritor Luís da Câmara Cascudo, registrou sua irreverência diante da notoriedade adquirida ao longo de sua trajetória intelectual.

Me chamo Luís, em homenagem, a Luís rei da França. Fui o terceiro filho e único sobrevivente. Meu pai era tenente da polícia, que lutou contra cangaceiros. A rua onde nasci tinha um nome lindo: Rua das Virgens. Um dia o prefeito resolveu mudar para Rua LCC. Escrevi-lhe umas cartas desaforadas, até que ele trocou, ou melhor, acrescentou algo mais: Rua LCC, ex-rua das Virgens.¹

Renomado aqui no Brasil e no mundo, "o homem que sabe tudo", como é conhecido em Natal, tem o bom humor e a simplicidade como marcas registradas da personalidade de um homem autêntico em relação às suas convicções e determinado enquanto pesquisador.

A investigação sobre os estudos folclóricos de Luís da Câmara Cascudo focaliza o empenho de um escritor, que embora tenha optado por permanecer na província de Natal, demonstra uma incansável motivação para documentar e divulgar a cultura popular no Brasil. A dedicação do folclorista ao conhecimento dos costumes regionais revela a construção do conceito de brasilidade na obra do escritor potiguar, que compreendeu a "alma brasileira" em suas múltiplas manifestações locais que insistem em permanecer vivas mesmo diante do progresso.

Autor de uma extensa e rica obra, Câmara Cascudo apresenta um jeito singular de escrever marcado pela linguagem simples e pelo interesse por assuntos

¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Textos do autor*. Disponível em <[http:// www.modernosdescobrimentos.br](http://www.modernosdescobrimentos.br)>. Acesso em: 27 abr. 2003.

cotidianos. Atento aos gestos, à alimentação, às expressões populares e às histórias narradas pelo povo, Cascudo pôde ter acesso a diversos universos sociais e culturais, fato que lhe concedeu autoridade para escrever sobre as nossas tradições folclóricas.

As fontes utilizadas para a escrita de suas diversas publicações remetem aos livros, mas certamente privilegia a sua convivência com as pessoas, a sua experiência vivida em sua cidade. "Natal, minha cidade natal, é o cenário imóvel na minha memória. Natal foi a impressão primeira, o ambiente emocionador da minha meninice, adolescência e maturidade."²

Como memorialista, Luís da Câmara Cascudo constrói seu extenso conjunto de dados a partir de sua experiência biográfica entremeada pelo cotidiano provinciano e pelo passado marcado pelas lembranças do sertão nordestino. Desta forma, pode-se afirmar que Câmara Cascudo "interpreta a cultura a partir da província."³

Embora participante de uma geração que refletiu sobre a questão do nacional, Luís da Câmara Cascudo distancia-se deste debate ao apostar no estudo comparativo entre a literatura popular e a literatura universal com a intenção de assinalar a permanência de elementos essenciais nestas literaturas, e que se repetem e se espalham ao longo dos séculos.

Esta intenção certamente afastou o escritor potiguar do chamado "movimento folclórico brasileiro", atuante nas décadas de 1940 e 1950. Os idealizadores deste

² MENESCAL, Vanessa. *Luís da Câmara Cascudo: 100 anos*. Fundação Joaquim Nabuco e Massangana Multimídias Produções, 1998. (n° V 252)

³ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Cotidiano, Corpo e Experiência. Reflexões sobre a Etnografia de Luís da Câmara Cascudo. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n. 28, 1999, p. 77.

movimento acreditavam na valorização do elemento nacional como fio condutor de uma mobilização, que objetivou a institucionalização do folclore no Brasil.

Por decisões políticas, o processo de institucionalização do folclore no Brasil não conseguiu êxito mas Câmara Cascudo, por iniciativa própria, fundou a primeira Sociedade Brasileira de Folclore, em 1941, na cidade de Natal, e incentivou a implementação de outras associações em diversos estados do País.

A pesquisa sobre o envolvimento de Luís da Câmara Cascudo no Modernismo brasileiro evidencia um escritor interessado pelos ideais marcados pela liberdade de expressão e pelo uso de uma linguagem mais simples. Durante a década de 1920, Câmara Cascudo tornou-se uma personalidade atuante na divulgação do movimento modernista, no seu Estado e em toda região Nordeste, embora estivesse ligado à temática regionalista ao valorizar o estudo das manifestações locais.

Para receber informações sobre o movimento modernista, Câmara Cascudo escolheu o gênero epistolar como meio eficaz para mantê-lo atualizado sobre os rumos literários do País. O contato com diversos intelectuais da época tornou possível o recebimento de livros e artigos importantes e o envio de seus ensaios e estudos para serem publicados em jornais e revistas de São Paulo e Rio de Janeiro.

A leitura das cartas trocadas por Luís da Câmara Cascudo e Mário Andrade, no período de 1924 a 1944, desvenda fatos relevantes da trajetória desses dois escritores no campo pessoal e acadêmico. Ao longo de 20 anos, Cascudo e Mário construíram uma relação de amizade alimentada por afinidades e discordâncias teóricas.

Movidos pelo desejo de entender a realidade brasileira a partir dos estudos folclóricos, Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade seguem a mesma trilha, embora com perspectivas distintas, e propõem-se a registrar tudo aquilo que pudesse caracterizar a cultura brasileira. Empenharam-se no recolhimento de um vasto material bibliográfico, anotaram curiosidades, vivenciaram rituais e empreenderam viagens pelo País. Entre os anos de 1928 e 1929, os dois realizaram uma importante "viagem etnográfica", pelo Nordeste, e recolheram informações que ambos utilizaram em publicações posteriores.

Na organização destas informações, percebe-se uma postura científica de Mário de Andrade, ao sustentar dados coletados a partir do apoio de uma extensa e apurada bibliografia, fato que difere do caminho trilhado por Câmara Cascudo que baseou-se, principalmente, na vivência do cotidiano para produzir seus textos.

Outro ponto de discordância entre os dois críticos literários evidencia-se na carta de junho de 1937, quando Mário de Andrade chama atenção para os temas desenvolvidos por Câmara Cascudo que até aquele momento valorizava a biografia de políticos ou personagens históricos. Mário insistiu para que o "Príncipe do Tirol" investisse mais em pesquisas folclóricas pois certamente sua contribuição como pesquisador seria muito mais expressiva.

Luís da Câmara Cascudo seguiu os conselhos de Mário de Andrade e a partir da década de 1940, publicou um significativo número de obras dedicadas ao folclore. Importa ressaltar, porém, que seus projetos não foram esquecidos pois o autor continuou a dedicar-se aos seus estudos históricos e políticos.

A correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade evidencia uma colaboração acadêmica e uma influência mútua, o que levou o

escritor potiguar a adotar uma sistematização nos seus estudos folclóricos. Por outro lado, o acervo de Mário de Andrade sobre as tradições brasileiras tornou-se mais rico a partir de dados enviados pelo correspondente natalense.

O interesse pelo folclore surgiu na vida de Luís da Câmara Cascudo ainda na sua juventude, período em que iniciava a sua carreira como crítico literário. Ao longo de mais de 60 anos de vida intelectual, Câmara Cascudo publicou mais de 150 livros, dentre os quais um se destaca: o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, obra de referência para pesquisadores do folclore nacional e de consulta obrigatória para aqueles que desejam conhecer o universo cultural brasileiro.

Através da escrita do poeta Carlos Drummond de Andrade, busca-se uma síntese para a importância criadora de Luís da Câmara Cascudo enquanto pesquisador e intérprete do Brasil! Certamente, a imagem de Cascudo retratada a seguir permanece viva diante da sua relevância para a cultura brasileira.

—Já consultou o Cascudo? O Cascudo é quem sabe. Me traga aqui o Cascudo.

O Cascudo aparece, e decide a aparada. Todos o respeitam e vão por ele. Não é propriamente uma pessoa, ou antes, é uma pessoa em dois grossos volumes, em forma de dicionário que convém ter sempre à mão, para quando surgir uma dúvida sobre costumes, festas, artes do nosso povo. Ele diz tintim-por-tintim a alma do Brasil em suas heranças mágicas, suas manifestações rituais, seu comportamento em face do mistério e da realidade comezinha. Em vez de falar "Dicionário Brasileiro" poupa-se tempo falando "o Cascudo", seu autor, mas o autor não é só dicionário, é muito mais, e sua vasta bibliografia de estudos folclóricos e históricos marca uma bela vida de trabalho inserido na preocupação de "viver" o Brasil.⁴

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagem de Cascudo. *Revista Província*, Natal, n.2, p. 15, 1998. (re-edição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969).

Referências Bibliográficas

1. Fontes

Cartas

Conjunto de 93 cartas inéditas de Luís da Câmara Cascudo para Mário de Andrade, enviadas entre 1924 e 1944. Série localizada no Arquivo de Mário de Andrade pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Acervo organizado pelo projeto "Organização da Correspondência de Mário de Andrade", coordenado pela professora Telê Porto Ancona Lopes. Registro: Correspondência de Mário de Andrade - Sub-série Correspondência passiva - numeração das cartas 1768 - 1860. (cópias cedidas pela professora Margarida de Souza Neves)

Cordel (Catalogação feita pelo Museu de Folclore Edison Carneiro - Rio de Janeiro)

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Mestre Cascudo*. Rio de Janeiro: Gonçalo Studio Gráfico e Editora, 1999. (número [154452] C3666)

Vídeos (Acervo pertencente ao Museu de Folclore Edison Carneiro - Rio de Janeiro)

- FONSECA, Talvani Guedes da. *Cascudo: entrevista*. 1982. (nº V 200)
- MEDEIROS, Mariangela. *Luís da Câmara Cascudo: 100 anos*. Fundação Roberto Marinho, Canal Futura, 1998. (nº V 226)
- MENESCAL, Vanessa. *Luís da Câmara Cascudo: 100 anos*. Fundação Joaquim Nabuco e Massangana Multimídias Produções, 1998. (nº V 252)
- MIRANDA, Ricardo. *Câmara Cascudo: o provinciano incurável*. TV Cultura, Fundação Padre Anchieta, 1999. (nº V 275)

2. Publicações

2.1 Livros

ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

_____. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

ARAÚJO, Humberto H. de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN; SESI, 1998.

_____. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

_____. *Presença da Literatura Brasileira*. vol. 3, Modernismo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11.ed. revista. São Paulo: Global, 2001.

_____. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Rio de Janeiro, São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

_____. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

_____. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

_____. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

_____. *Seleta*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio; Instituto Nacional do livro, 1972.

_____. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.

_____. *Trinta estórias brasileiras*. Lisboa: Portucalense Editora, 1955.

_____. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 5. ed. rev. atual. vol. 5, Era Modernista. São Paulo: Global, 1999.

GICO, Vânia. *Luís da Câmara Cascudo: Bibliografia comentada 1968/1995*. Natal: Editora da UFRN, 1996.

GRIMM, Jacob & Wilhelm. *Contos de Grimm*. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. *Contos e lendas dos irmãos Grimm*. Tradução de Isíde M. Bonini. São Paulo: Edigraf. s/d.

JOBIM, José Luís. *Formas da teoria: sentidos, conceitos, políticas e campos de força nos estudos literários*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo. Um brasileiro feliz*. Natal: Editora da UFRN, 1968.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminho*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972.

OLIVEIRA, Gildson. *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1992.

ROMERO, Sílvio. *Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico 1974-1964*. Rio de Janeiro: Funarte / Fundação Getúlio Vargas, 1997.

2.2 Dissertações

BYINGTON, Silvia Ilg. *Pentimentos Modernistas. As cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 2000. Dissertação de Mestrado em História - Departamento de História, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2000.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luis da Câmara Cascudo e Mario de Andrade*. Natal: UFRN, 1999. (Dissertação de Mestrado, mimeo)

2.3 Artigos

ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagem de Cascudo. *Revista Província*, Natal, n.2, p. 15-16, 1998. (re-edição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969).

ANDRADE, Mário. Folclore. In: MORAES, R. B. & BERRIEW, W. (org.). *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1948, p. 285-317.

CARNEIRO, Edison. Evolução dos estudos de Folclore no Brasil. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro: CDFB/MEC, vol.2, n. 3, p. 47-62 1962.

CARVALHO, Rita Laura Segato de. A antropologia e a crise taxonômica da Cultura Popular. In: *Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate*, Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2000, p. 13-21.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Coisas que o povo diz*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968.

_____. Preliminar. In: _____. *Civilização e Cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1973, p. Xi-XX.

_____. O Folclore: Literatura oral e Literatura popular. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968, p. 71-79.

_____. Um Provinciano Incurável. *Revista Província*, Natal, n.2, p. 5-6, 1998. (re-edição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969).

CAVALCANTI, Maria Laura et al. Os estudos de Folclore no Brasil. *Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate*. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, p. 101-112, 2000. Série encontros e estudos (1).

FERREIRA, Jerusa Pires. Literatura Oral. In: SILVA, Marcos (org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/ USP, Fapesp; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003, p. 153-156.

FRANCO Jr., Hilário. Contos Tradicionais do Brasil. In: _____. *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/ USP, Fapesp; Natal: EDUFRN, Fundação José Augusto, 2003, p. 46-48.

GICO, Vânia de Vasconcelos. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma sedução epistolar. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 30, p. 111-127, 2002.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Arquivo confidencial. In: ARAÚJO, Humberto H. de.(org.). *Histórias de Letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001, p.95-118.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Cotidiano, Corpo e Experiência. Reflexões sobre a Etnografia de Luís da Câmara Cascudo. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n. 28, 1999, p. 74-81.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. "Viagens etnográficas" de Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976, p.15-33.

MATOS, Cláudia Neiva de. Popular. In: José Luís Jobim (org.). *Palavras da Crítica. Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 305-341.

PEDROSA, Célia. Nacionalismo Literário. In: _____. *Palavras da Crítica. Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.277-307.

SANDRONI, Carlos. Notas sobre Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, n. 28, p. 60-73,1999.

SANDRONI, Laura. Os irmãos Grimm — vida e obra. In: SILVA, Idalina Azevedo da (Org.). *Cadernos de letras*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, SEDIN, 1987.

TRAVASSOS, Elizabeth. Mário e o folclore. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 30, p. 90-109,2002.

2.4 Artigos publicados em meio eletrônico

CASCUDO, Luís da Câmara. *Textos do autor*. Disponível em <[http:// www.modernos descobrimentos.br](http://www.modernosdescobrimentos.br)>. Acesso em: 27 abr. 2003.

NEVES, Margarida de Souza. *O Sertão (En)cantado: cores e sonoridades*. Disponível em: <<http://www.modernosdescobrimentos.br> > Acesso em : 22 jul. 2003.

_____. *Roteiros para descobrir a alma do Brasil: Uma leitura de Luís da Câmara Cascudo*. Disponível em <<http://www.modernosdescobrimientos.br>>. Acesso em : 27 abr. 2003.

2.5 Obra de referência

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.